

O VERÃO

Trabalho:

Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico

Mestrado

30/09/2025

O VERÃO

Projeto:

Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico

Pedro Godinho

Trabalho de Projeto de Estágio submetida(o) à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico - especialização em Mestrado - Narrativas Cinematográficas, realizada(o) sob a orientação científica de Mónica Baptista, Professora de Narrativas.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar a minha sincera gratidão a todos os que contribuíram, direta ou indiretamente, para a concretização deste trabalho.

Recordo, em primeiro lugar, todos os que lutaram pela liberdade em Portugal e os jovens que souberam preservar o sonho de um futuro mais justo, mesmo em tempos de adversidade

Aos docentes da antiga ESTC do Conservatório, no Bairro Alto — Paulo Rocha, António Reis, Alberto Seixas Santos, Alexandre Gonçalves e muitos outros que já não estão connosco —, em especial a Filipe Oliveira. A acústica nunca foi tão divertida.

E os meus agradecimentos aos docentes da nova ESTC, na Amadora, por aceitarem um “dinossauro” como aluno: Fátima Chinita, Fátima Ribeiro, Graça Castanheiro, Joaquim Sapinho, Paulo Leite, entre outros, e em especial a Mónica Baptista.

A todos manifesto o meu mais profundo apreço pelo incentivo, pela orientação e pela oportunidade que possibilitaram a realização deste projeto.

RESUMO

O velho ditado diz: “o amor supera todos os obstáculos”. Será isso verdade? Com este guião, procuro demonstrar que o amor nem sempre vence.

Uma história de amor (ou de amores) no último verão de 1973, na pequena vila de Alcobaça, em Portugal. Um regime fascista governa o país há quase 40 anos, ainda sob a lição de Salazar: Deus, Pátria e Família. Enquanto o mundo evolui para regimes mais democráticos e livres, Portugal esconde-se num passado cinzento, reprimindo o desejo do povo de ser livre e dono do seu destino.

Portugal é um país de fortes contradições. O novo regime de Marcello Caetano promete uma abertura que acaba por se revelar uma promessa vazia. Com o aumento da censura na imprensa, nos livros, no teatro, na rádio e na televisão, e com o número de resistentes presos a atingir valores máximos, a esperança de liberdade parece mais um pesadelo do que uma realidade próxima.

O guião transforma a pequena vila de Alcobaça (que podia ser qualquer vila ou cidade portuguesa) num microcosmo do Portugal de 1973.

A realidade histórica, acontecimentos e factos foram alterados para melhor servir as narrativas do guião. Da resistência ao regime à guerra do Ultramar, da censura da imprensa à repressão violenta das manifestações, e da prisão daqueles que lutam pela liberdade, tudo se encontra em Alcobaça, tal como no filme *Casablanca*¹.

O guião não pretende ser a versão portuguesa desse filme, mas antes uma visão de como os jovens portugueses procuravam uma vida a cores num mundo cinzento e tentavam sobreviver a uma realidade sem esperança.

¹ *Casablanca*, realizado por Michael Curtiz (Burbank, CA: Warner Bros., 1942), filme.

Nas palavras do Capitão Renault ao Major Strasser: *Everyone comes to Rick's*.² O mesmo posso dizer no guião O Verão: todos vão ao “Henry was Here” — local onde os jovens escapam por umas horas a uma realidade cinzenta e procuram viver aquilo que, no resto do mundo, já era visto como esperança: a moda e a cultura da geração dos anos setenta, especialmente a cultura norte-americana.

Para a recriação desta nova Alcobaça, a pesquisa sobre os anos 70 foi essencial: livros, internet, entrevistas e opiniões, artigos de jornais, revistas, programas de rádio e excertos da RTP Play sobre o 25 de Abril, a tomada de posse de Marcello Caetano e a guerra do Ultramar. Foi uma pesquisa exaustiva para criar a realidade onde as personagens estão inseridas.

O período anterior ao 25 de Abril de 1974 traz um peso histórico e uma grande responsabilidade para quem escreve, mesmo que os acontecimentos e factos sirvam apenas de pano de fundo para construir a realidade em que as personagens vivem.

O maior problema não foi criar as personagens, nem sequer concluir que o amor nem sempre vence, isso já nos é dado como facto desde o início, mas sim recriar uma realidade que, acima de tudo, é ficcional, de forma que o leitor sinta o peso da época tal como as personagens.

Consegui? Não sei. A história desse período é tão rica e interessante que praticamente poderia dar origem a uma série de televisão ou a vários filmes. A matéria existe. Mas a vontade de enfrentar o passado não. O cinema americano ajudou os EUA a enfrentar o seu passado no Vietname. Portugal prefere esquecer.

² Ibid.

Resumo Sucinto / Técnico

Projeto: Guião cinematográfico intitulado "O Verão", desenvolvido no âmbito do Mestrado em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico.

Ideia: O projeto desafia a ideia de que "o amor tudo vence", argumentando que, num contexto de opressão, o amor pode falhar. É um drama que decorre no último verão do regime (1973), usando a vila de Alcobaça como microcosmo de Portugal.

Narrativa Principal: A história segue Francisco e Lara, cujo romance é condenado quando se descobre que Francisco esteve indiretamente ligado à morte do pai de Lara num atentado da resistência.

Narrativas Secundárias:

- **António e Mariana:** Um amor proibido entre um estudante e a mulher de um líder da resistência, forçando-a a escolher entre o amor e a causa.
- **Fernando e Joana:** Um amor de infância testado quando Fernando é recrutado para a Guerra Colonial, confrontando-o com a escolha entre lutar ou fugir.
- **Henry e o "Henry was Here":** Um clube noturno que serve de oásis de liberdade e cultura juvenil, simbolizando a resistência dos jovens à opressão do regime.

Conceito: O guião é uma obra de ficção que utiliza e adapta factos históricos para criar um drama humano intenso sobre juventude, escolhas e o peso da História num Portugal à beira da revolução.

Índice

1. Introdução.....	1
2. Revisão de literatura / Referencial teórico	6
3. Conclusão	22
4. Bibliografia	24

1. Introdução

Neste relatório procuro demonstrar os caminhos, opções e liberdades históricas que levaram às decisões necessárias na conceção da história e das narrativas que a compõem.

Falar dos tempos anteriores à Revolução é enfrentar o peso da História. Fazer justiça aos factos é difícil; mesmo conceituados historiadores têm a sua própria visão dos acontecimentos, e muito mais difícil é para um contador de histórias, cuja função não é relatar factos históricos, mas mostrar como esses factos podem servir a narrativa.

Inicialmente, o guião foi concebido como uma homenagem ao ressurgimento do rock português: uma simples história de três amigos numa vila em que o tempo parou seis anos após a Revolução.

Seis anos foram suficientes para que uma geração nascida pouco antes do 25 de Abril esquecesse o passado e avançasse para um mundo novo, um mundo colorido. Os jovens portugueses ansiavam pelo mesmo que todos os jovens do mundo anseiam: serem jovens. Com o aparecimento do novo rock português surgiu uma nova esperança, que durante anos fora negada pelo regime fascista: a abertura a um mundo de cores, novas culturas e ideais.

O guião inicial não passava de um *teen movie*: a vida de três jovens — António (19), Francisco (18) e Fernando (19) — em busca do significado da vida e do futuro, na pequena vila de Alcobaça, tal como nos filmes *Porky's*³, *American Graffiti*⁴ e *O Verão de '42*⁵ e *Swing Kids*⁶. É um guião sobre a vida, a esperança, o futuro e o amor.

Um olhar sobre um passado recente.

Tinha pouco mais de 20 anos quando comecei a escrever o guião. Uma idade demasiado jovem para refletir sobre um passado recente. Foram necessários mais de quarenta anos para me sentir confortável a olhar para trás. A frase “foram precisos seis anos para esquecer o passado” continuava viva na minha memória. Um passado que não deveríamos esquecer. Nunca esquecer.

³ *Porky's*, realização de Bob Clark (Estados Unidos: 20th Century Fox, 1981), filme.

⁴ *American Graffiti*, realização de George Lucas (Estados Unidos: Universal Pictures, 1973), filme.

⁵ *Summer of '42* [Verão de 42], realização de Robert Mulligan (Estados Unidos: Warner Bros., 1971), filme.

⁶ *Swing Kids*, realização de Thomas Carter (Estados Unidos: Hollywood Pictures, 1993), filme.

Decidi alterar a ideia original dos anos oitenta para o ano de 1973, o último verão em que as personagens de António, Francisco e Fernando estão juntas.

Foi introduzida uma quarta personagem — Henry — e criado um espaço onde os jovens da vila podiam divertir-se e escapar ao Portugal cinzento da época. Assim nasceu “O Henry was Here” (inspirado no famoso CBGB, em Nova Iorque), onde os jovens da região procuravam um mundo cheio de cores e à sua imagem, enquanto o país lentamente se desmoronava à sua volta.

Eram outros tempos e outras vidas.

Em 1973, o passado ainda estava fortemente enraizado nos ideais do salazarismo: a necessidade do regime de controlar a vida dos cidadãos, a informação (ou a falta dela), a cultura e até ideias consideradas subversivas, como paz, pão e liberdade.

Em 1971, em Portugal, teve lugar a 1.^a grande edição do Festival de Vilar de Mouros. O clima de paz, amor e liberdade fez com que o Vilar de Mouros de 71 fosse considerado o Woodstock português. Mais de 20 mil pessoas assistiram às atuações de Elton John e Manfred Mann. O festival acolhia também música tradicional portuguesa — fado, bandas filarmónicas, grupos corais, entre outros —, mas os cabeças de cartaz eram, na realidade, as bandas britânicas.

Durante a ditadura, a bebida nacional era o vinho. No Estado Novo havia poucos refrigerantes — e a Coca-Cola era proibida. Curiosamente, nas colónias não havia essa proibição.

O Estado Novo receava o *american way of life*.

Os jovens em Portugal procuravam libertar-se do peso do regime, e lugares como o “Henry was Here” funcionavam como um escape à opressão e a uma vida cinzenta.

O que pensavam os jovens portugueses, especialmente nos últimos meses que antecederam o 25 de Abril de 1974? Não sobre política ou sobre o regime, mas sobre encontrar uma amostra de cores num Portugal cinzento.

O que ia na mente dos jovens portugueses antes do 25 de Abril?

Num Portugal assombrado pela opressão, pela censura, pela guerra colonial e por um elevado analfabetismo, a esperança de uma educação superior estava reservada apenas às famílias com

posses; para os restantes, só o mercado de trabalho ou a agricultura os esperava, continuando o caminho dos seus pais e avós.

Muitos juntaram-se à resistência. Outros à Mocidade Portuguesa. Outros resignavam-se ao futuro limitado pela oferta de trabalho nas redondezas ou pela guerra colonial. Alguns iam com entusiasmo defender as províncias ultramarinas, mas muitos não regressaram, e os que regressaram estavam afetados física ou psicologicamente. Muitos optaram por fugir do país ilegalmente. Só em 1973, Portugal enviou para as ex-colónias cerca de cento e trinta mil jovens — um ato de desespero para uma guerra que todos sabiam perdida.

O que pensavam os jovens antes do 25 de Abril?

É uma resposta complexa e, ao mesmo tempo, simples. Muitos fugiam do país em busca de uma vida económica melhor, outros tentavam escapar à guerra no Ultramar ou à perseguição política e policial. O que nos leva à seguinte questão: como conseguiram tantos fugir para o estrangeiro num país fortemente policiado? A resposta veio de um antigo professor de geografia no liceu: como o país estava economicamente débil, o Estado deixava os fugitivos (na maioria homens) escapar, pois sabia que o dinheiro ganho no estrangeiro pelos “imigrantes” entrava no país como divisas.

Porquê Alcobaça?

Não há uma razão específica. Foi onde cresci. Mas, assim como Casablanca representa, para a Segunda Guerra Mundial, a luta entre o nazismo e a resistência ao crescente poder da Alemanha nazi, a vila de Alcobaça representa a luta pela liberdade em Portugal. Alcobaça é um microcosmo do país antes do 25 de abril de 1974.

A realidade política de Portugal passa por Alcobaça. Factos e atos históricos foram adaptados para servir as várias narrativas da história, e não a História. Estas adaptações (ou alterações temporais de acontecimentos reais) servem para:

1. dar credibilidade à história passada na vila;
2. intensificar a narrativa das personagens e os seus arcos;
3. refletir o que se passava no país, especialmente nos finais de 1973;
4. questionar o que pensavam os jovens em tempos conturbados.

O regime do Estado Novo foi um regime violento, mas neste caso exagerei na brutalidade da repressão para aumentar a tensão e evidenciar os perigos de uma política ditatorial e do “Estado mãe-galinha” — faz o que eu digo e não o que eu faço. A PIDE foi transformada numa espécie de SS da Alemanha nazi. A Mocidade Portuguesa (MP), numa versão da Juventude Hitleriana (JH). Mas, ao contrário da defesa da raça ariana, a MP aceitava nas suas fileiras filhos da população das províncias ultramarinas — algo que para os jovens alemães hitlerianos seria impensável. Não que esteja a defender esta organização; é nos contrastes que baseei a MP, ou seja, criei uma ligação entre as duas organizações, especialmente na brutalidade de ambas ao não aceitarem quem pensasse ou fosse diferente das ideias dominantes.

Através de artigos na internet, livros, vídeos da RTP Play e artigos de opinião, é interessante o que se encontra sobre a vida antes do 25 de Abril. Parece que esquecemos as lições de Fernão Lopes — a História pertence à arraia-miúda. O que surge, na maioria das vezes, não é a vida do povo, mas sim a narrativa das figuras notáveis que conduziram à queda do regime, bem como os erros cometidos pelo governo de Marcello Caetano, que tinha prometido no discurso de inauguração “uma maior abertura do regime”, mas que rapidamente se transformou na maior censura imposta pelo Estado.

Peço desculpa, meus senhores; promessas e bases de tarte foram feitas para serem quebradas.
Jonathan Swift, *Polite Conversation*, 1738.⁷

Prometer é fácil, o difícil é cumprir a promessa quando não existe vontade. Felizmente, o 25 de Abril foi uma revolução sem sangue e significou a abertura de um Portugal cinzento para um mundo de cores. As portas abriram-se e livros, filmes, revistas, programas de teatro e de televisão, impensáveis para o regime da altura, chegaram às mãos do povo português. Até mesmo aqueles que hoje consideraríamos de gosto duvidoso, como as revistas tipo *Gina*⁸ e similares, que inundaram os liceus.

⁷ Jonathan Swift, *Polite Conversation* (Dublin: George Faulkner, 1738), “I beg pardon, gentlemen; promises and pie-crust are made to be broken.” Google Translate.

⁸ Revista nórdica dos anos 70 de cariz pornográfico.

Independentemente da abertura política e cultural que a revolução nos ofereceu, NUNCA podemos esquecer aqueles que morreram na luta pela liberdade, os presos políticos e os que perderam a vida numa causa sem justificação em nome da glória de Portugal no Ultramar. As marcas físicas e psicológicas serão sempre uma lembrança do preço da liberdade.

São poucos os livros, e mesmo artigos de jornais, blogues ou conteúdos da RTP Play disponíveis na internet (ver bibliografia), sobre como os jovens viviam e pensavam no pré-25 de Abril. O quotidiano não é do interesse dos historiadores; pertence mais aos contadores de histórias. Livros como *A Vida Quotidiana do Estado Novo* de Ana Sofia Ferreira (2024)⁹ e *Antes do 25 de Abril era Proibido* de António Costa Santos (2024)¹⁰ procuram revelar o que existe por detrás da cortina.

Casa e escola (para os mais seletos) ou trabalho (para a grande maioria dos jovens portugueses) não podiam ser os únicos fatores a caracterizar o quotidiano desses jovens. O espírito jovem procura a contestação em vez da conformidade, faz parte da natureza de ser jovem. Mas reprimir o desejo de liberdade é um contrassenso. Era evidente que iriam encontrar meios para contornar as proibições e a censura. Era evidente que iriam procurar escapar ao Portugal cinzento na busca de um Portugal a cores, mesmo que fosse à revelia das autoridades.

Amor, sexo, drogas e rock ‘n’ roll não era uma expressão que se aplicava apenas aos outros; os jovens portugueses não foram exceção — eles também queriam, e queriam tudo a que tinham direito.

⁹ Ferreira, Ana Sofia, *Entre a Tradição e a Modernidade: A Vida Quotidiana no Estado Novo* (Lisboa: Manuscrito Editora, 2024), 224 páginas.

¹⁰ Santos, António Costa, *Antes do 25 de Abril: Era Proibido* (Lisboa: Guerra & Paz, 2024), 208 páginas.

2. Revisão de literatura / Referencial teórico

Apesar de o guião ser um olhar para o passado, neste caso é um olhar sobre a vida de quatro jovens em busca de um sentido para a vida, no último verão, na pequena vila de Alcobaça.

Porquê Alcobaça?

Alcobaça é uma vila onde nada de extraordinário aconteceu durante o período do Estado Novo. O mesmo se pode dizer de muitas vilas portuguesas. Mas aqui, Alcobaça simboliza Portugal. Do mesmo modo que *Casablanca* representa a luta contra o nazismo, a vila de Alcobaça representa a luta contra o fascismo em Portugal. É uma vila relativamente pacata, com um sistema de classes sociais bastante definido, que contribuía para a economia do país através das loiças e dos cristais¹¹, mundialmente famosos. A agricultura representava sobretudo um meio de subsistência, como no resto do país, sendo atualmente conhecida pela produção de fruta.

Uma longa e exaustiva pesquisa em livros, revistas, entrevistas, blogues pessoais, rádio, televisão e na internet (ver bibliografia) poderia ter sugerido, e sugeri, múltiplas formas de contar esta história, desde *Apocalypse Now* de Francis Ford Coppola (1979)¹², *O Caçador* de Michael Cimino (1978)¹³ ou mesmo *Platoon* de Oliver Stone (1986)¹⁴, numa versão portuguesa, por exemplo.

Os filmes mencionados são únicos e já existem. Isso não quer dizer que fosse impossível realizá-los em Portugal: são obras que permanecem na memória de todos, são extremamente caras de produzir, tornaram-se mundialmente populares e ajudaram o coletivo americano a lavar a consciência da guerra do Vietname. Portugal nunca fez o mesmo em relação à guerra do Ultramar.

A opção pelo tema “amor em tempo de guerra”, neste caso antes da Revolução dos Cravos, é apenas uma entre várias soluções, temas ou caminhos por explorar. Não se trata de focar os momentos que levaram à revolução, sobre os quais existe um excelente livro acerca dos anos de

¹¹ *Crisal* – ex-libris da produção do melhor cristal mundial e produção manual.

¹² *Apocalypse Now*, realização de Francis Ford Coppola (Estados Unidos: United Artists, 1979), filme.

¹³ *O Caçador*, realização de Michael Cimino (Estados Unidos: Universal Pictures, 1978), filme.

¹⁴ *Platoon*, realização de Oliver Stone (Estados Unidos: Orion Pictures, 1986), filme.

1973-74, no período anterior ao 25 de Abril¹⁵. Confesso a influência desses livros e artigos no guião; apesar de estes e outros historiadores optarem por um rumo mais político-militar, a decisão tomada acabou por ser contar a história de amor entre Francisco e Lara, ambos de 18 anos, no último agosto de 1973.

Podia ter sido uma simples história de amor, *boy meets girl*, mas seria apenas mais uma. O filme *Cal*, de Pat O'Connor (1984)¹⁶, inspirou a ideia de que o amor podia ser muito mais. Esse filme acabou por testar os limites do amor. Tal como o protagonista do drama irlandês, Francisco participa indiretamente num atentado: desde os 15 anos fornecia apoio logístico ao Movimento Revolucionário Armado (MRA)¹⁷, o que acabou por estar ligado à morte da única vítima do atentado explosivo contra um edifício governamental em Lisboa, levado a cabo por um grupo da resistência. Mais tarde, Francisco envolve-se emocionalmente com Lara, a filha da vítima.

Tal como na realidade, a Escola Técnica da PIDE/DGS é o alvo.

Um erro técnico na montagem do temporizador, fornecido pelo jovem Francisco, acaba por ter um desfecho trágico: um homem que regressava a casa é apanhado na explosão. Francisco fica horrorizado, o pai é preso e assume a culpa do filho.

Três anos mais tarde, Francisco encontra Lara e apaixona-se por ela. No início não sabe que é filha do homem que morreu nessa explosão. É uma história de amor condenada à nascença.

Hoje em dia, um guião não pode sobreviver apenas com uma história de amor; precisa de vida e de personagens secundárias que ajudem a dar consistência e credibilidade à narrativa principal. São vários os guiões escritos nos últimos anos que demonstram essa tendência. Talvez seja influência das séries de televisão e dos diversos *miniplots* que ajudam a sustentar a trama central nas produções exibidas pelas plataformas de *streaming*. E penso (opinião pessoal) que isso teve alguma influência no modo como os guiões são escritos atualmente.

Um exemplo invulgar e recente é a série italiana da Netflix *Supersex*¹⁸, uma biografia controversa do “ator” de filmes pornográficos italianos Rocco Siffredi. A narrativa principal é a vida de Rocco

¹⁵ José Matos e Zélia Oliveira, *Rumo à Revolução: os meses finais do Estado Novo* (Lisboa: Temas e Debates, 2023).

¹⁶ *Cal*, realização de Pat O'Connor (Reino Unido: ITC Entertainment, 1984), filme.

¹⁷ Movimento ficcional inspirado no grupo da resistência ARA (Ação Revolucionária Armada).

¹⁸ *Supersex*, série criada por Francesca Manieri, Netflix, 2023, streaming.

Siffredi, da humildade à condição de estrela do cinema pornográfico. A narrativa secundária é a vida do meio-irmão Tommaso. Esta narrativa secundária, além de oferecer suporte à principal, acaba por ganhar vida própria e, na minha opinião, ultrapassa a narrativa central. Talvez por mérito do ator Adriano Giannini ou dos argumentistas, mas o drama e os contornos trágicos da vida de Tommaso superam largamente a narrativa principal.

No cinema, não existem muitos exemplos de filmes com várias narrativas para além da principal. Regra geral, tudo está centrado na narrativa central, enquanto as restantes narrativas ou tramas menores apenas reforçam e apoiam a história. Por exemplo, o filme *A Escolha de Sofia*, de Alan J. Pakula (1982)¹⁹, apresenta três narrativas interligadas, mas ao mesmo tempo distintas:

1. **Stingo**: toda a narrativa é contada pela perspectiva do jovem, o seu crescimento pessoal e a perda da inocência, bem como a compreensão da vida, do trauma e da moralidade;
2. **O triângulo amoroso**: a volatilidade da relação de Sofia e Nathan, feita de amor, obsessão, doença e manipulação emocional;
3. **O passado de Sofia**: uma narrativa emocional que constitui o tema central do filme, explorando o trauma, a culpa, a sobrevivência e a ambiguidade moral através de vários flashbacks.

Alan J. Pakula entrelaça estas três narrativas de forma a construir uma história de amor, obsessão e culpabilidade.

A segunda narrativa de *O Verão*, para além de apoiar a narrativa principal, é a de Fernando e Joana, ambos com 19 anos. Fernando e Francisco são amigos de infância e o primeiro sempre apoiou as ideias, por mais radicais que fossem, de Francisco. Reprovou no liceu. Por lei, é obrigatório apresentar-se à inspeção militar. É convocado para a recruta e, no decorrer da história, para a guerra do Ultramar.

Não fui fiel à passagem do tempo. Na realidade, é um processo demorado. Tal como na introdução do filme *O Fugitivo*, de Andrew Davis (1993)²⁰, em que um médico é acusado da morte da esposa, julgado e condenado à morte numa questão de minutos. Na realidade, os julgamentos judiciais

¹⁹ *A Escolha de Sofia*, realização de Alan J. Pakula (Estados Unidos: Paramount Pictures, 1982), filme.

²⁰ *O Fugitivo*, realização de Andrew Davis (Estados Unidos: Warner Bros., 1993), filme.

demoram anos. Os montadores condensaram o tempo para melhor servir e criar tensão na narrativa principal: a fuga do Dr. Kimble.

O que é o drama senão a vida sem as partes enfadonhas?

Alfred Hitchcock²¹

Fernando tem de escolher, não com a intensidade dramática e psicológica da escolha de Sofia, mas ainda assim tem de decidir entre ir para a guerra ou fugir. Tem de escolher entre a probabilidade de morrer no campo de batalha ou deixar tudo o que ama e partir para França ou Alemanha, como muitos jovens fizeram. A escolha de Fernando de ir para a guerra do Ultramar não é motivada por patriotismo nem por dever militar, mas sim por lealdade para com os amigos que já foram e para com os que ainda irão. Henry lembra-lhe que ele sempre defendeu os amigos acima de tudo. Não é um herói, mas alguém que se preocupa. A vida é feita de escolhas, e nem sempre escolhemos os caminhos certos.

Duas estradas divergiam numa floresta e eu – eu escolhi a menos percorrida.

Robert Frost²²

A terceira narrativa, de António e Mariana, o jovem de 19 anos e a mulher mais velha, com cerca de trinta e poucos anos, tem inspiração em dois filmes: *O Verão de '42*, de Robert Mulligan (1971), e *Casablanca*, de Michael Curtiz (1942).

Um encontro casual transforma-se num caso amoroso ilícito, especialmente durante o regime do Estado Novo. Era proibido a uma professora casar sem autorização do Estado. Era, e ainda é, proibido um(a) professor(a) manter uma relação com um(a) aluno(a). E, além disso, Mariana era

²¹ Alfred Hitchcock Quotes. BrainyQuote.com, BrainyMedia Inc, 2025.

https://www.brainyquote.com/quotes/alfred_hitchcock_379472, accessed September 13, 2025.

²² Robert Frost Quotes. BrainyQuote.com, BrainyMedia Inc, 2025. https://www.brainyquote.com/quotes/robert_frost_101324, accessed September 28, 2025. Tradução minha.

uma mulher casada. O caso secreto e ilícito entre António e Mariana quebrava várias leis da época, mas não os impedia de continuar a relação.

António, amigo de Francisco e Fernando e o mais intelectual dos três, acaba por apaixonar-se por uma professora de filosofia: Mariana Marques.

Enquanto no filme de Robert Mulligan a relação entre Hermie, de 15 anos, e Dorothy, uma mulher adulta, pode ser definida como:

1. uma relação unilateral, como sendo uma fantasia e um refúgio emocional para o jovem;
2. um produto de vulnerabilidade emocional mais do que amor entre ambos (Dorothy acabara de perder o marido na guerra);
3. o fim da inocência do jovem, funcionando como recordação e reflexão.

É uma relação apresentada num tom melancólico, de grande complexidade emocional, frágil e dolorosa, sem plena compreensão das emoções adultas.

António e Mariana estão envolvidos emocionalmente. Apesar da diferença de idades, existe uma relação consensual, com um forte componente emocional. No filme *Casablanca*, o amor não conquista tudo, mas fazer a coisa certa sim. O marido de Mariana, Carlos Marques, um homem de cinquenta anos, é líder da resistência contra o regime e luta pela democracia, sendo procurado pela polícia política.

Mariana, apesar do envolvimento com António, ama o marido. António sabe disso, mas prefere não acreditar. Ela partilha com o marido uma ligação baseada em ideais comuns e no compromisso com a resistência. No entanto, é sabido que também ama António. Carlos desconfia que a esposa esconde algo, mas confia em Mariana para não pôr em causa a liderança e a resistência em favor do bem maior.

Casablanca não é um retrato perfeito da Segunda Guerra Mundial, e Victor Laszlo não é o líder absoluto da resistência na luta contra o nazismo. Ele incorpora, antes, o espírito dessa luta. Carlos Marques também não é o líder dos movimentos contra o regime e, tal como Laszlo, representa o espírito da resistência na luta contra o fascismo. *Casablanca* simboliza a luta contra uma ideologia, um papel que nunca desempenhou, a não ser ao falsificar documentos para refugiados da

perseguição nazi. Aqui, Alcobaça representa a luta contra o poder, um papel que efetivamente desempenhou.

No filme *Casablanca*, Rick ama Ilsa, mas acaba por priorizar a causa da resistência e deixa-a partir com o marido, Laszlo, garantindo assim a continuidade da luta. Não é um amor possessivo, é um amor sacrificial, em nome do bem maior.

Na narrativa de António e Mariana, os papéis estão invertidos. É um amor possessivo por parte de António: ele não pretende desistir de Mariana por causa da resistência. Cabe a Mariana tomar a decisão de abdicar do amor que sente por António, sacrificando-o em nome do bem maior.

Não estou preocupado se gosta ou não de mim... Tudo o que lhe peço é que me respeite enquanto ser humano.

- Jackie Robinson²³

A narrativa menor é a de Henry, de 19 anos, dono do clube “Henry was Here” e filho do presidente da Câmara de Alcobaça. O seu nome verdadeiro é Henrique, mas insiste em ser chamado Henry. É amigo de Francisco, Fernando e António. Não se envolve na política, mas representa, à sua maneira, uma contrarrevolução à política do regime e ao lema “Deus, Pátria e Família”. Além de ser gay, Henry oferece aos jovens um espaço de cores no seu clube exclusivo, onde só convidados podem entrar.

“Henry was Here” é um espaço, uma encruzilhada simbólica que representa o *american way of life*, emocionalmente carregado e ligado aos temas do guião, onde nada é proibido. É um oásis de cores num Portugal cinzento.

Ali fala-se abertamente da política atual. No resto do país, as conversas políticas são sussurradas nos cafés, mesmo por detrás de portas fechadas. A música é alta e os jovens vestem trajes que melhor definem a sua personalidade ou gostos, independentemente de serem ou não proibidos. Servem-se bebidas banidas pelo regime, encontram-se drogas ilegais, e as revistas e livros

²³ Jackie Robinson Quotes. BrainyQuote.com, BrainyMedia Inc, 2025.
https://www.brainyquote.com/quotes/jackie_robinson_140153, accessed September 14, 2025.

censurados estão acessíveis a todos. É o país das maravilhas dentro de um país que nega aos jovens a capacidade de sonhar com um mundo melhor.

“Henry was Here” é inspirado no CBGB²⁴, em Nova Iorque, local que deu origem a muitas bandas americanas que mais tarde se tornaram famosas, como os Ramones, Blondie e Talking Heads, entre outras.

O clube de Henry tem um palco onde algumas bandas locais tocam música nos estilos *disco*, *punk*, *heavy metal* ou mesmo canções de protesto. Tudo menos o *yé-yé*.

Foram alterados alguns factos históricos, mas válidos durante o regime fascista em Portugal. As MP²⁵ sempre tiveram problemas com Henry: ele não representava o que era ser português; era gay; era filho e protegido pelo presidente da câmara, pela chefe da PSP e por uma parte da população local. Isto irritava profundamente os MPs, em especial o seu líder, Adolfo, de 19 anos.

Os MPs não eram extremistas como a Juventude Hitleriana, mas, por prerrogativa de autor, foram-lhes atribuídas características dessa organização, de modo a criar um efeito mais dramático e tenso nos confrontos com Fernando e Henry.

O guião de *O Verão* é, acima de tudo, uma obra de ficção. Pode ter como base acontecimentos reais, que servem apenas como reforço da realidade da época, mas não fazem parte integrante da história. Os acontecimentos que levaram ao 25 de Abril de 1974 têm um peso imenso na história de Portugal e na conquista da liberdade face a um regime que reinou durante pelo menos quarenta anos. “Deus, Pátria e Família” foi a justificação para subjugar um povo e o seu direito à liberdade democrática.

Quando criamos um guião com muitos elementos históricos, ou baseado na história, é necessário investigar esses acontecimentos e perceber como podem servir a narrativa que queremos contar. Readaptar um guião para um *teen movie* sobre o renascimento do rock português, ou ao som deste no estilo de *American Graffiti*, faria dele apenas mais uma recordação ou um reviver do passado, não em *Brideshead*²⁶, mas em Alcobaça.

²⁴ CBGB, (Country BlueGrass Blues) clube fundada em 1973, Hilly Kristal. Nota: o tempo da narrativa do guião é anterior à fundação do clube Nova Iorquino.

²⁵ Mocidade Portuguesa.

²⁶ *Brideshead Revisited*, realização de Charles Sturridge, BBC, 1981, série de televisão.

Passar de uma época para outra, neste caso para os últimos dias do verão em que os personagens principais estão juntos, e acrescentar um elemento fundamental à história, o peso do Estado Novo na vida das personagens, exige outro tipo de abordagem ao passado, assente na investigação.

Essa investigação exigiu não só conversas com amigos e familiares, mas também a consciência de que, com o tempo, a memória já não é o que era e o cérebro tende a preencher as lacunas como melhor entende. O que ouvimos pode ou não corresponder ao que realmente aconteceu. Nem Fernão Lopes pode ser aceite como um contador da verdadeira história de Portugal, mas sim como alguém que relatou os factos segundo o seu ponto de vista. Como não podia estar em todo o lado ao mesmo tempo, é natural concluir que os seus escritos nem sempre correspondem à realidade.

Daí a necessidade de uma investigação mais profunda. Isso não significa que os investigadores acertem sempre nos factos; o fator ideológico também tem o seu peso na forma como os dados são analisados. Mas, neste caso, têm acesso a uma vasta coleção de documentos, imagens e relatos sobre o que realmente aconteceu.

Não existe uma história absoluta, mas sim uma história relativa.

You want to know the truth. You can't handle the truth!

Col. Nathan R. Jessep no filme *A Few Good Men*²⁷.

O guião de *O Verão* é, acima de tudo, um trabalho de ficção com um pano de fundo histórico. Daí surge a necessidade de investigar os factos históricos, não só em quantidade, mas também em qualidade.

A pesquisa principal foi feita na internet: artigos de jornais da época, blogues, opiniões, RTP Play, livros, programas de rádio e televisão, revistas e excertos de livros online. A pesquisa secundária consistiu em alguns livros sobre o tema e, por último, recorri à memória. Isto implica a verificação dos factos, mesmo dos apresentados pelos jornalistas. Não significa que estes não tenham feito o

²⁷ *A Few Good Men*, realização de Rob Reiner (Estados Unidos: Columbia Pictures, 1992), filme. Frase do julgamento que pretende provar que dois fuzileiros navais norte-americanos acusados de assassinar um colega fuzileiro estavam apenas a seguir ordens do comandante da base. “Quer saber a verdade. Não consegue lidar com a verdade!” Google Translate.

seu trabalho de casa, mas confesso que por vezes encontrei pontos de vista diferentes sobre o mesmo tema. Somos humanos e inevitavelmente influenciados pela nossa perspetiva da história.

Se pesquisarmos nas bibliotecas e livrarias, nos sites das editoras e mesmo em teses sobre a história, seria possível reescrever uma nova história de Portugal²⁸, diferente da que já existe nos livros. A base de dados seria maior e mais completa, mas o risco de errar também aumentaria.

Provavelmente não seria necessária uma investigação tão vasta para um simples texto de ficção, mas é preciso conhecer as regras antes de as quebrar. Precisava de conhecer os factos e os temas para saber quais poderiam ser usados como estrutura das narrativas do guião. Inserir elementos históricos numa narrativa de ficção envolve riscos e o peso da história que levou ao 25 de Abril traz uma responsabilidade enorme, especialmente sabendo que alguns desses elementos têm de ser adaptados no interesse da narrativa.

Apesar de ter nascido durante o regime do Estado Novo e de ter um pai que fez campanha a favor do General Humberto Delgado, em Alcobaça, muitos outros acontecimentos escapam à minha memória. Recordo o primeiro ano da escola primária, a separação entre rapazes e raparigas, as reguadas dos professores sempre que cometia um erro, as brincadeiras e o facto de viver num ambiente rural onde não havia grande riqueza. Os meus avós eram agricultores e a troca de produtos no mercado de Alcobaça era a moeda corrente: não o dinheiro, mas a troca.

O uso do fogão era reservado apenas para ocasiões especiais e nem sequer havia frigorífico. O meu pai ia e vinha de bicicleta para o trabalho. A minha mãe trabalhou na fábrica de tecidos da região e, após o meu nascimento, passou a ser dona de casa. Era o período de “Deus, Pátria e Família”. Os meus pais, tal como alguns outros, mantiveram os filhos afastados da MP. Na realidade, a única coisa que existia na aldeia era a vida simples do campo. A política e a resistência pertenciam a outro mundo, embora o meu pai trouxesse para casa, às escondidas, alguns livros proibidos pelo regime.

O analfabetismo era elevado. Só havia uma televisão no café da aldeia, reservada para programas especiais, que nunca incluíam os discursos de Salazar ou, mais tarde, de Caetano. Mas todos

²⁸ Ver bibliografia.

tinham rádios, de onde se ouvia música e programas aceites pelo regime. O programa mais ouvido, além do boletim de agricultura às seis da manhã, eram *Os Parodiantes de Lisboa*.

A geração dos meus avós mal sabia ler, ou não sabia de todo, sobretudo as mulheres. As mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda. O homem era a figura central da família, aquele que trazia o pão, embora fosse a minha avó quem realmente o fazia.

Já Alcobaça, a quatro quilómetros da minha aldeia, era outro mundo. Para nós, parecia uma metrópole, mas, na realidade, era apenas uma vila pacata onde pouco ou nada acontecia.

Como obra de ficção, foi necessário recriar Alcobaça, dar-lhe uma vida que não tinha, atribuir-lhe uma importância que também não possuía e transformá-la num microcosmo do que se passava em Portugal. Da atividade da PIDE, das MP e dos delatores do regime às organizações clandestinas que lutavam contra ele, os jovens que tinham terminado o liceu e estavam prestes a entrar na idade adulta viviam uma realidade separada do resto da sociedade. E havia ainda o amor, ingrediente essencial em praticamente todo o cinema e literatura.

Os artistas usam mentiras para dizer a verdade. Sim, eu criei uma mentira. Mas, porque você acreditou nela, encontrou algo verdadeiro sobre si mesmo.

Alan Moore, *V for Vendetta*²⁹

Agarre-os pelo pescoço e nunca os largue.

Billy Wilder³⁰

Quando a sua história estiver pronta para ser reescrita, corte-a até ao osso. Livre-se de cada grama de gordura extra. Isso vai doer; rever uma história até ao essencial é sempre um pouco como assassinar crianças, mas tem de ser feito.

Stephen King³¹

²⁹ Moore, Alan. *V de Vingança*. Tradução de José Figueiredo. Editorial Presença, 2007.

³⁰ Billy Wilder, “Agarre-os pelo pescoço e nunca os largue.” [Fonte: Citação de Billy Wilder.

³¹ Stephen King, *On Writing: A Memoir of the Craft* (New York: Scribner, 2000), 117.

Quando pediram a Godard³² que explicasse os seus filmes, ele respondeu: todos os filmes têm um princípio, meio e fim, mas não necessariamente por essa ordem. A história de *O Verão* tem um princípio, meio e fim exatamente por essa ordem.

É uma história clássica em três atos, mais ou menos seguindo as regras de Syd Field³³. Mas também pode ser entendida dentro da linha de Robert McKee³⁴, em que o uso de múltiplas narrativas mais ou menos independentes (todas com os seus enredos) pode sugerir uma aproximação às suas propostas. Como nenhuma narrativa da história é totalmente independente e todas estão interligadas, o guião aproxima-se mais da linha de Syd Field, embora não respeite os tempos recomendados ou a forma, mas sim o formato.

Por outro lado, há os aconselhamentos de Dr. Format (Dave Trottier)³⁵, um dos mais conceituados consultores na forma como um guião deve ser apresentado. Para ele, o guião tem de ser de leitura fácil, não interromper a fluidez da narrativa e criar o desejo de continuar a ler. Um bom exemplo é o filme *Eternal Sunshine of the Spotless Mind*, de Charlie Kaufman (2004)³⁶. Apesar da complexidade da narrativa, é um guião de leitura clara: o leitor sabe sempre onde está na história.

Este guião, *O Verão*, é um *spec script*, muito em voga no cinema norte-americano e britânico, mas pouco comum no cinema português ou no resto da Europa. Um *spec script* é um guião não solicitado por produtor, realizador, produtora ou estúdio, e tem de passar por vários departamentos antes de chegar às mãos de quem decide. A sorte também é um fator. Um guião considerado tem de passar por *readers* (leitores) que classificam o género (road movie, comédia romântica, drama, terror, etc.). Nesta fase, o leitor avalia rapidamente o guião e as primeiras dez páginas são cruciais, embora não obrigatoriamente. É preciso que despertem a atenção do leitor.

Se captar o interesse, o guião é então avaliado e classificado nos seguintes termos:

1. **Pass:** passa, mas necessita de ser reescrito.

³² Jean-Luc Godard, realizador e um dos fundadores da “Nouvelle Vague” do cinema francês.

³³ Syd Field, *Screenplay: The Foundations of Screenwriting* (New York: Delta, 2005).

³⁴ Robert Keene, *The Art of Writing a Screenplay* (New York: Random House, 2002).

³⁵ Dave Trottier. Professor e consultor de guiões, lecionou nas principais expos e conferências de guionismo, deu palestras ou seminários em mais de 30 universidades americanas e lecionou aulas ocasionais de guionismo na Universidade de Phoenix.

³⁶ Gondry, Michel, and Charlie Kaufman. 2012. *Eternal Sunshine of the Spotless Mind*. The Shooting Script. New York, NY: Newmarket Press.

2. **Consider:** é um guião a considerar, mas tem de ser melhorado (não é o mesmo que reescrito).
3. **Recommend:** recomendado para produção.

A partir daí, entra num novo ciclo.

Em Portugal, o *spec script* não é habitual. Normalmente, no cinema português, o realizador é também o argumentista e, muitas vezes, o produtor, que tem de convencer o Instituto do Cinema e do Audiovisual (ICA) a financiar o projeto. Talvez com exceção das televisões públicas e privadas, que têm leitores para avaliar projetos de terceiros, mas que já exigem um currículo prévio em escrita de guiões. Ainda assim, o diretor de programas tem a palavra final. Vários fatores são considerados, desde a viabilidade do projeto até ao orçamento.

O Verão é uma história de amor nos últimos dias do Verão de 1973, antes da revolução de 25 de Abril de 1974. Tem múltiplas narrativas, mas a de Francisco e Lara é a principal. Como já foi referido, as restantes narrativas e tramas servem de apoio à narrativa central. Tanto a de António e Mariana como a de Fernando e Joana foram criadas para dar realismo ao ano de 1973.

A história de Henry é a de alguém que não se conforma com a realidade: o mundo é cinzento, mas o “Henry was Here” é um mundo de cores. Ali, os anos 70 são vividos em pleno, desde a música, à roupa, bebidas, drogas e até um espaço onde é possível criticar o regime. Ser jovem e livre é a função de Henry e do “Henry was Here”.

As primeiras páginas apresentam a *backstory* de Francisco e também da situação político-social de Portugal em 1973.

No filme *Sucker Punch*, de Zack Snyder (2011)³⁷, o realizador abre a narrativa ao som de um cover de *Sweet Dreams (Are Made of This)*³⁸, cantado por Emily Browning³⁹, onde consegue construir um filme com princípio, meio e fim em pouco mais de cinco minutos. É a *backstory* da história, ou podia até ser um filme em si mesmo. Curiosamente, no guião a *backstory* surge mais tarde, mas

³⁷ *Sucker Punch*, realização de Zack Snyder (Estados Unidos: Warner Bros., 2011), filme. Uma jovem é internada num hospital para doentes mentais pelo padrasto, que a incrimina pelo homicídio da irmã após a morte da mãe.

³⁸ Eurythmics, *Sweet Dreams (Are Made of This)*, 1983, RCA Records.

³⁹ Atriz australiana.

a escolha de a colocar logo no início abre o apetite para continuar a ver. Na realidade, todo o filme é um videoclipe com mais de duas horas, mas esses primeiros cinco minutos valem a pena.

Não foi a influência deste filme que levou à opção de abrir com imagens de arquivo e memórias do passado de Francisco ao som de *The Sound of Silence*⁴⁰, na versão dos Disturbed⁴¹. Foi o timbre da voz do vocalista, capaz de transmitir a dor e o sofrimento da letra, que inspirou a abertura da *backstory*. O objetivo não era escrever um filme em menos de cinco minutos, mas sim demonstrar a situação de Francisco e a realidade portuguesa durante o regime do Estado Novo.

Por outro lado, estabeleci um máximo de cerca de noventa páginas para contar a história. Nas palavras de Stephen King, *quando a história estiver pronta para ser reescrita, corte-a até ao osso*.

Confesso que a minha aprendizagem em guionismo passou por ler os mais diversos estilos de guiões que consegui encontrar. O site *Script Slug*⁴² é um bom ponto de partida, com uma grande variedade de guiões, alguns recentes, outros mais antigos, alguns independentes, quase todos norte-americanos ou britânicos. São poucos os de outros países. Entre eles, há *shooting scripts* ou primeiras versões, diferentes do filme final. Claro que existem outros sites na internet, alguns gratuitos e outros pagos, mas o importante é ler guiões.

É importante saber (independentemente do género) como esses autores abriram as suas histórias e prenderam a nossa atenção: as personagens⁴³, o conflito, o ritmo das ações, os vários *plot points*, o *midpoint*, como resolveram o conflito e as pequenas situações que podem trazer problemas à narrativa, os chamados *plot holes*⁴⁴. Não quer dizer que sejam resolvidos completamente, mas, como diz o ditado popular, valeu o esforço. O mais importante é a facilidade de leitura. É um elemento essencial para que o leitor tenha prazer em imaginar o “mundo” de acordo com o seu autor.

⁴⁰ Simon & Garfunkel, *The Sound of Silence*, 1964, Columbia Records.

⁴¹ Disturbed. 2015. “Disturbed - the Sound of Silence [Official Music Video].” YouTube.

<https://www.youtube.com/watch?v=u9Dg-g7t2l4>.

⁴² <https://www.scriptslug.com/>

⁴³ Descrição do personagem Melvin Udall no guião Mark Andrus and James L. Brooks (1997). “MELVIN UDALL... Com mais de 50 anos... desprezado, mal-amado, perturbador. Um grande chato para todos que já o conheceram.”

⁴⁴ Exemplo de um “plot hole” no script de *Karate Kid* de Robert Mark Kamen (1984). Tradução DeepL IA e Google Translate. “Em *Karate Kid*, durante todo o torneio decisivo, o árbitro estipula repetidamente que não são permitidos pontapés na cabeça. No entanto, quando Daniel e Johnny se enfrentam na final, Daniel vence com o quê? Um pontapé na cabeça.”

Opinião: Vivemos na era digital do YouTube e das redes sociais. Acho que hoje em dia tudo tem de ser mais rápido. São poucos os jovens que se sentam numa sala para ver, por exemplo, *Casablanca*. São poucos os filmes que permanecem em exibição durante mais de um mês. *A Noviça Rebelde*, de Robert Wise (1965)⁴⁵, ficou em cartaz nos cinemas por nada menos que 147 semanas. Hoje, plataformas de *streaming* como a Netflix oferecem milhares de filmes, séries e documentários diariamente, o que nos deixa pouco tempo para apreciar verdadeiramente as obras. No artigo de Gerardo Valero⁴⁶, publicado no site rogerebert.com, ele faz a seguinte comparação entre o filme *Ben-Hur*, de William Wyler (1959)⁴⁷, e a versão de Timur Bekmambetov (2016)⁴⁸:

The main difference between both versions of “Ben-Hur” is that while the 1959 film took its time with everything, the latest one always tries to get to the point as quickly as possible. My guess is that this was done with today’s more impatient audiences in mind. The dialogue in the 2016 version is also more concise, especially that between Huston and Boniadi as (thankfully) Judah is restricted to uttering his favorite line (“Where are my mother and my sister?”) no more than a couple of times. Additionally, several characters are used in different subplots as to keep the number of players to a minimum and others from the older version are eliminated and not terribly missed (think of the Roman General who adopts Charlton Heston after the latter saves his life at sea). The recent version’s relative brevity is mostly for the best, but by having the new Judah made a slave in the galleys, and after just a couple of minutes marking the passage of five years by placing him in the middle of the defining battle, there’s just not enough time to linger on the cruelty of his destiny. As a result, by the film’s end his redemption doesn’t have the same poignancy as it did in the Wyler version. Turning a new and unexpected character into the detonator for Judah’s arrest (as opposed to the tragic, aleatory event from the older film) doesn’t help matters either. It leaves former

⁴⁵ *A Noviça Rebelde* (The Sound of Music), realização de Robert Wise (Estados Unidos: 20th Century Fox, 1965), filme.

⁴⁶ Distance to Greatness: “Ben-Hur” 2016 vs. “Ben-Hur” 1959. September 6, 2016. www.rogerebert.com.

⁴⁷ *Ben-Hur*, realização de William Wyler (Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1959), filme.

⁴⁸ *Ben-Hur*, realização de Timur Bekmambetov (Estados Unidos: Paramount Pictures, 2016), filme.

*friend turned foe Messala without much choice but to betray our protagonist, lessening the former's guilt and the overall impact of the outcome.*⁴⁹

Este pequeno trecho, além de explicar as diferenças entre ambos os filmes no que toca ao tempo narrativo, revela, na minha opinião, que o espetador de hoje não é o mesmo de ontem. Muito mudou nos hábitos de quem vê cinema. Tudo tem de ser mais rápido, o limiar de atenção é mais curto, há a tendência para ir diretamente ao assunto, multiplicar narrativas em simultâneo e acumular conflito atrás de conflito (tanto em comédias como em filmes de terror). Tudo para agarrar o espetador pela garganta, como afirma Billy Wilder. Para quem escreve *spec scripts*, sou da opinião de que se deve deixar espaço para que atores e realizadores improvisem, sem comprometer a história que estamos a contar.

O estilo de escrita deste projeto reflete essa nova tendência. Não recordo quem disse sobre a escrita de uma cena: *Get in, do what you have to do and get out as quickly as possible.*⁵⁰ A atenção do espetador médio é curta, o seu conhecimento cinematográfico já tem uma longa história e divide-se entre a sala de cinema, a televisão, a internet e os jogos de computador. Uma sequência do cinema mudo, *O Grande Assalto ao Comboio*, de Edwin S. Porter (1903)⁵¹, que assustou os espetadores da altura quando um dos assaltantes disparava a pistola na direção do público, para o espetador atual não passa de um momento cómico.

Admito que, para o cinema comercial, esta rapidez é uma necessidade para sobreviver à concorrência de outros meios audiovisuais (televisão, internet e videojogos). Mas também reconheço que outros tipos de cinema, como o independente, caracterizado por orçamentos mais

⁴⁹ A principal diferença entre as duas versões de "Ben-Hur" é que, enquanto o filme de 1959 demorou a apresentar tudo, a versão mais recente tenta sempre ir direta ao assunto. O meu palpite é que isto foi feito a pensar no público mais impaciente de hoje. O diálogo na versão de 2016 é também mais conciso, especialmente o que existe entre Huston e Boniadi, uma vez que (felizmente) Judah se limita a pronunciar a sua fala favorita ("Onde estão a minha mãe e a minha irmã?") apenas algumas vezes. Além disso, várias personagens são utilizadas em diferentes subtramas para manter o número de atores no mínimo, e outras da versão mais antiga são eliminadas e não fazem grande falta (pense-se no general romano que adota Charlton Heston depois de este lhe salvar a vida no mar). A relativa brevidade da versão recente é, em grande parte, para o bem, mas, ao fazer com que o novo Judá seja escravizado nas galés, e depois de apenas alguns minutos a marcar a passagem de cinco anos ao colocá-lo no meio da batalha decisiva, simplesmente não há tempo suficiente para nos determos na crueldade do seu destino. Como resultado, no final do filme, a sua redenção não tem a mesma pungência que tinha na versão de Wyler. Transformar uma personagem nova e inesperada no detonador da prisão de Judá (por oposição ao acontecimento trágico e aleatório do filme anterior) também não ajuda. Deixa o antigo amigo que se tornou inimigo, Messala, sem grande escolha a não ser trair o nosso protagonista, diminuindo a culpa do primeiro e o impacto geral do resultado. Google Translate.

⁵⁰ "Entre, faça o que tem de fazer e saia o mais rápido possível." Tradução minha.

⁵¹ "The Great Train Robbery" é um filme mudo americano de ação e western, realizado em 1903 por Edwin S. Porter para "A Edison Manufacturing Company". O filme acompanha um bando de bandidos que assaltam e roubam um comboio a vapor numa estação no oeste americano, fogem por terrenos montanhosos e são finalmente derrotados por um grupo de habitantes locais.

baixos, acabam por oferecer maior liberdade criativa. Já o cinema de arte ou underground desafia todas as regras. Um exemplo é *Sleep*, de Andy Warhol (1964)⁵², que filma o namorado a dormir durante mais de cinco horas, ou *O Homem da Câmara de Filmar*, de Dziga Vertov (1929)⁵³, filmes sem trama, conflito, ação ou guião, mas cativantes à sua maneira (para alguns).

Toto, I've a feeling we're not in Kansas anymore.
Dorothy do filme *O Feiticeiro de Oz* (1939)⁵⁴.

O cinema, tal como os livros, a arte e a fotografia, tem a capacidade de nos revelar novos mundos e novas formas de ver a realidade. Mas o cinema é também um trabalho coletivo, fruto da imaginação dos seres humanos (apesar de alguns quererem retirar essa capacidade única e humana — todos sabemos a quem me refiro, Sam Altman⁵⁵). Começa como uma ideia; essa ideia cresce e transforma-se num projeto; segue-se a produção, a realização, a montagem e, finalmente, a exibição.

Um filme não é um trabalho a solo. Por detrás de um filme não está um homem dos sete instrumentos, mas sim um grupo de indivíduos a trabalhar para um objetivo comum: o filme.

⁵² *Sleep*, realizado por Andy Warhol (Estados Unidos: The Factory, 1964), filme.

⁵³ *O Homem da Câmara de Filmar* (*Man with a Movie Camera*), realizado por Dziga Vertov (União Soviética: VUFKU, 1929), filme.

⁵⁴ “Toto, tenho a sensação de que já não estamos no Kansas.” Frase do filme *O Feiticeiro de Oz*, 1939.

⁵⁵ Co-fundador do ChatGPT.

3. Conclusão

O velho ditado diz que o amor conquista tudo. Com o guião *O Verão* procuro desfazer esse mito: o amor nem sempre vence. Toda a nossa cultura está assente na ideia de que o amor triunfa, mas, e se não vencer? Quem é o culpado? O destino?

É possível definir o “destino” em três perspetivas:

1. **A visão essencialista.** Esta perspetiva defende que os seres humanos têm um propósito ou fim inerente (*teleologia*). O destino, neste sentido, é a realização da própria natureza humana. Por exemplo, Aristóteles⁵⁶ acreditava que o nosso destino era viver uma vida de razão e excelência moral.
2. **A visão determinista.** As ações humanas são moldadas pela genética, pelo ambiente ou pela vontade divina. Exemplos disso encontram-se no Estoicismo⁵⁷ e no Calvinismo⁵⁸, segundo os quais o destino de uma pessoa é fixo e a liberdade é ilusória.
3. **A visão existencialista.** Os humanos devem criar o seu próprio significado num mundo que não oferece nenhum. Para Jean-Paul Sartre⁵⁹, isso significa que os humanos não nascem com uma natureza fixa, mas que esta é definida através das escolhas que fazem.

Os destinos das personagens foram construídos dentro do conceito do existencialismo, isto é, nas escolhas que fazem. Mas, como se trata de uma história, o destino de cada uma também cai dentro da visão determinista: já está definido. E, de certa forma, é também essencialista, porque procuram viver da razão e da moral que lhes compete.

Francisco e Lara. No passado, Francisco foi indiretamente responsável pela morte do pai de Lara. Três anos depois, os jovens conhecem-se e apaixonam-se. Francisco acaba por descobrir a verdade sobre a sua participação involuntária na explosão que vitimou o pai de Lara. Quer revelar a

⁵⁶ Nicomachean Ethics I.7, around 1098a (in the Bekker numbering) — notably 1098a5–17.

⁵⁷ David Sedley, “Fate,” in *Stoicism*, Routledge Encyclopedia of Philosophy (London: Routledge, 1998), <https://www.rep.routledge.com/articles/thematic/stoicism/v-1/sections/fate>.

⁵⁸ Loraine Boettner, *The Reformed Doctrine of Predestination* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1991).

⁵⁹ Jean-Paul Sartre, *Existentialism Is a Humanism*, lecture given 1946; French original *L'existentialisme est un humanisme* (Les Éditions Nagel, 1946; English trans. Methuen & Co., 1948).

verdade, mas acaba por mentir. Lara descobre aquilo que Francisco não consegue dizer, sente-se traída e transforma o amor em ódio. Na narrativa principal, o amor não vence.

António e Mariana. O que começou como um mero caso entre um jovem atraído por uma mulher mais velha transforma-se em amor. Um sonho tornado real, mas com repercussões. Mariana, além de professora, é casada com Marques, um dos líderes da resistência contra o regime. Neste triângulo, o destino não está determinado, mas há opções a tomar. António é um jovem apaixonado que sente um amor egoísta: não quer desistir desse amor para fazer o que é correto. Quando Marques é ferido pela polícia do Estado, cabe a Mariana tomar a decisão certa. Aqui, também o amor não vence.

Fernando e Joana. Um amor que vem desde a escola primária. Ambos acreditam que o destino sempre quis que estivessem juntos. Fernando toma a namorada como um dado adquirido. Quando chumba no liceu e acaba selecionado para a vida militar, tudo muda: tem de decidir entre fugir ou ser enviado para a guerra do Ultramar. Já nem sabe quem é. Passa de um destino determinista para um destino existencialista.

O destino é um paradigma: tanto pode ser determinista como existencialista.

Um homem não escolhe o seu destino. Apenas escolhe se o aceita ou não.
The Witcher: Sword of Destiny by Andrzej Sapkowski⁶⁰

O sonhador em mim acredita mais numa visão essencialista: viver uma vida de razão. Os erros das personagens no guião, apesar de tudo o que o destino lhes reserva, acabam por conduzi-las a viver pela razão. A vida é finita. Sem deus. Por isso devemos querer o bem, a honestidade e o melhor para todos. Infelizmente, a realidade nem sempre corresponde ao destino.

⁶⁰ Andrzej Sapkowski, *Sword of Destiny*, trans. David French (London: Orbit, 2015) google translate.

4. Bibliografia

“A Droga Em Portugal Apareceu Nos Anos Setenta.” 2018. Blogspot.com. 2018.

<https://portadaloja.blogspot.com/2018/06/a-droga-em-portugal-apareceu-nos-anos.html>.

A Escolha de Sofia. Realizado por Alan J. Estados Unidos, Paramount Pictures, 1982. Filme.

A Few Good Men. Realizado por Rob Reiner. Estados Unidos, Columbia Pictures, 1992. Filme.

A Noviça Rebelde (The Sound of Music). Realizado por Robert Wise. Estados Unidos, 20th Century Fox, 1965. Filme.

Alvarez, Luciano, Como era o serviço militar obrigatório Perguntas e respostas sobre o serviço militar obrigatório, que esteve em vigor até 2004, 10 de Agosto de 2018,.

American Graffiti. Realizado por George Lucas. Estados Unidos, Universal Pictures, 1973. Filme.

Apocalypse Now. Realizado por Francis Ford Coppola. Estados Unidos, United Artists, 1979. Filme.

Aristotle. *Nicomachean Ethics*. Translated by Terence Irwin. 2nd ed. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 1999.

Ben-Hur. Realizado por Timur Bekmambetov. Estados Unidos, Paramount Pictures, 2016. Filme.

Ben-Hur. Realizado por William Wyler. Estados Unidos, Metro-Goldwyn-Mayer, 1959. Filme.

Bernadino, Luís Manuel Brás, Coronel, O Exército Português e os 70 anos da Aliança Atlântica. *Uma parceria construtiva...*, 2609/2610 - Junho/Julho de 2019 (revista/2609),. : 2019.

Boettner, Loraine. *The Reformed Doctrine of Predestination*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1991.

BrainyQuote.com. “Jonathan Swift Quotes.” *BrainyMedia Inc.*, 2025. Accessed September 19, 2025.

Brideshead Revisited. Realizado por Charles Sturridge. BBC, 1981. Filme.

Cabral, Jorge M., Emigração portuguesa nas décadas de 60 e 70, 16/02/2015,.

Cadima, Francisco Rui, Imagens e representações da ditadura portuguesa na televisão (1957-1974). 56.

Cal. Realizado por Pat O'Connor. Reino Unido, ITC Entertainment, 1984. Filme.

Cardeira, Fernando Mariano, Manifestações de estudantes em Lisboa e Coimbra em Novembro de 1968.

Cardoso João, Como era Portugal antes da Democracia, extratos da série, Portugal, um Retrato Social de Joana Pontes e António Barreto, Abril 12, 2015, . Portugal, 2015. Filme.

Casablanca. Warner Bros., 1942. Filme.

Coelho, Sara Otto. “Tem Saudades Dos Anos 70 E 80? Eles Também.” Observador, November 17, 2015. <https://observador.pt/2015/11/17/saudades-dos-anos-70-e-80-este-livro-e-para-si/>.

Comissão Comemorativa 50 Anos 25 Abril. “Homepage - Comissão Comemorativa 50 Anos 25 Abril,” September 11, 2025. <https://50anos25abril.pt/>.

Comissão Comemorativa 50 Anos 25 Abril. “Portugal Social 1968-1974 - Comissão Comemorativa 50 Anos 25 Abril,” June 17, 2024. <https://50anos25abril.pt/historia/unidos-venceremos/portugal-social-1968-1974/>.

Comunicação e Audiovisual. *Ano 17, Nº01, 1º semestre 2010* LOGOS 32. Professor Associado com Agregação do Departamento de Ciências da Comunicação (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa).

Contribuidores da Wikipédia, “Brigadas Revolucionárias,” August 24, 2025, https://pt.wikipedia.org/wiki/Brigadas_Revolucion%C3%A1rias.

David, Teresa, Velhos são os trapos. As discotecas históricas de Lisboa estão cheias e bem de saúde, 28/06/2023,.

Disturbed. *The Sickness*. 2000. Reprise Records. Tema “Sounds of Silence”. Videoclip Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=u9Dg-g7t2l4>.

Ferreira, Ana Sofia, *A Vida Quotidiana do Estado Novo – Entre a Tradição e a Modernidade*, Abril 2024, Edições Manuscrito.

Field, Syd. *Screenplay: The Foundations of Screenwriting*. New York: Delta, 2005.

Guerra Colonial Portuguesa, Wikipédia, September 24, 2025,

https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Colonial_Portuguesa.

“História da PIDE/DGS - RTP Ensina,” RTP Ensina, January 23, 2024,

<https://ensina.rtp.pt/artigo/historia-da-pidedgs/>.

“História Do Festival,” Festival Vilar De Mouros, n.d.,

<https://festivalvilardeouros.weebly.com/histoacuteria-do-festival.html>.

King, Stephen. *On Writing: A Memoir of the Craft*. New York: Scribner, 2000.

Matos, José, e Zélia Oliveira. *Rumo à Revolução: os meses finais do Estado Novo*. Rumo à Revolução: os meses finais do Estado Novo. Lisboa: Temas e Debates, 2023.

McKeen, Robert. *The Art of Writing a Screenplay*. New York: Random House, 2002.

O Caçador. Realizado por Michael Cimino. Estados Unidos, Universal Pictures, 1978. Filme.

O Fugitivo. Realizado por Andrew Davis. Estados Unidos, Warner Bros., 1993. Filme.

O Grande Assalto ao Comboio (The Great Train Robbery). Realizado por Edwin S. Estados Unidos, Edison Manufacturing Company, 1903. Filme.

O Homem da Câmara de Filmar (Man with a Movie Camera). União Soviética, VUFKU, 1929. Filme.

Platoon. Realizado por Oliver Stone. Estados Unidos, Orion Pictures, 1986. Filme.

Porky's. Realizado por Bob Clark. Estados Unidos, 20th Century Fox, 1981. Filme.

Portugal Antigamente, “Lisboa, a Vida Quotidiana | 1971,” February 21, 2023,

<https://www.youtube.com/watch?v=K-Q91N2kpYU>.

Ramos, Dirio. “1973 - O Ano Anterior À Liberdade E a Falsa Abertura Do Regime.” *Diário De Notícias Madeira*, n.d. <https://www.dnoticias.pt/2020/4/24/55511-1973-o-ano-anterior-a-liberdade-e-a-falsa-abertura-do-regime#>.

Rosas, Fernando, “José António Ribeiro Santos E a Geração Dos Anos 60/70 Em Portugal,” *Esquerda.net*, January 8, 2024, <https://www.esquerda.net/artigo/jose-antonio-ribeiro-santos-e-geracao-dos-anos-6070-em-portugal/83270>.

Sampaio, Madalena. “Cronologia 1970-1974.” *dw.com*, October 27, 2020. <https://www.dw.com/pt-002/cronologia-1970-1974-da-intensifica%C3%A7%C3%A3o-da-luta-armada-%C3%A0-revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-cravos/a-17280935>.

Santos, António Costa. *Antes do 25 de Abril: Era Proibido*. Antes do 25 de Abril: Era Proibido. Lisboa: Guerra & Paz, 2024.

Santos, Rogério, História de Rádio em Portugal. *Programas noturnos em 1970*. 23/03/2019. Blogue de Rogério Santos, historiador da rádio e docente (reformado) de Media, Comunicação e História na Universidade Católica Portuguesa.

Sapkowski, Andrzej. *Sword of Destiny*. Translated by David French. London: Orbit, 2015.

Sartre, Jean-Paul. *Existentialism Is a Humanism*. Translated from French by Philip Mairet. London: Methuen & Co., 1948.

Seabra, Jorge F., O curador, o apagão e a exposição “Primavera Estudantil”, 20 de Janeiro 2023, <https://www.campeaprovincias.pt/2023/01/20/o-curador-o-apagao-e-a-exposicao-primavera-estudantil/>.

Sedley, David. 1998. “Fate.” In *Stoicism*, Routledge Encyclopedia of Philosophy. London: Routledge.

Sleep. 1964. Estados Unidos, The Factory,. Filme. January 17, 1964. <https://www.imdb.com/pt/title/tt0187513/>.

Soares, Dina. “O País Ainda Não Absolveu Os Desertores da Guerra Colonial.” *Rádio Renascença*, Outubro 25, 2016. <https://rr.pt/artigo/reportagem/2016/10/25/o-pais-ainda-nao-absolveu-os-desertores-da-guerra-colonial/66884/>.

Sousa, Bernardo Vasconcelos e, *Memória de um adolescente dos anos 70*, Open Edition Journals, *Ler História*, p. 181-183,, <http://journals.openedition.org/lerhistoria/2564>.

Sucker Punch. Realizado por Zack Snyder. Estados Unidos, Warner Bros., 2011. Filme.

Summer of '42 [Verão de 42]. Realizado por Robert Mulligan. Estados Unidos, Warner Bros., 1971. Filme.

Supersex. Realização: Matteo Rovere. Itália: Netflix. Série.

Wilder, Billy, and Cameron Crowe. *Conversations With Wilder*. Alfred A. Knopf, 1999.

O VERÃO

Escrito por:

Pedro Godinho

Para:

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO DE PROJETO CINEMATOGRAFICO
ESTC 2024/2025

Av. Santo António de Tercena, 24 - 2 Esq.
2730-163 BARCARENA
(351) 931197129

NEGRO:

Ouvimos os acordes da abertura de "Sound of Silence", cover editado pela banda Disturbed.

LEGENDA: 1970

FADE IN:

EXT. VÁRIAS IMAGENS PRÉ 25 DE ABRIL - DIA

Imagens de arquivo de jornais: protestos de estudantes; bandeiras, fochas e cartazes improvisados apelarem à liberdade democrática e ao fim da guerra.

Discurso do Marcello Caetano na inauguração como Presidente da Junta.

Imagens da Mocidade Portuguesa, em movimento, a fazer saudação Nazi.

Repressão policial sobre os manifestantes.

Presos políticos nas várias cadeias.

Imagens da guerra do ultramar.

Soldados mortos.

Vários membros da oposição apelarem às populações.

FADE OUT.

FADE IN:

EXT. BECO - NOITE

Entra a voz do cantor.

Sequência alternada entre vários momentos temporais:

Chuva. FRANCISCO, um jovem de quinze anos, encontra-se com dois MEMBROS DA RESISTÊNCIA (30). Ele entrega aos homens uma mala com temporizadores.

INT. OFICINA - NOITE

Francisco na bancada a montar temporizadores.

Na parede reparamos num calendário, com a imagem da nossa senhora de Fátima.

Por debaixo lê-se: Serrano e Filho Reparações, morada e telefone. Ao lado encontra-se o logo da oficina: Uma roda dentado, e no interior um ferro de soldar e uma chave Philips.

EXT. BECO - NOITE

Um dos homens abre a mala e testa um dos aparelhos. Satisfeito. Fecha a mala.

INT. OFICINA - NOITE

Francisco acaba o temporizador e acaba e entrega-o ao PAI (40) para inspecionar o aparelho. O pai mostra-se satisfeito com o trabalho.

EXT. BECO - NOITE

Francisco e os homens despedem-se. Francisco observa o carro a desaparecer na chuva.

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

Chuva continua.

Rua vazia. Os homens estacionam a viatura em frente do "Centro de Recrutamento" em Lisboa. Um deles liga os temporizadores. Ambos escapam no silêncio da noite.

Um HOMEM (40) caminha descontraído. Ele aproxima-se da viatura.

INT. VIATURA - NOITE

Sacos de fertilizadores de amônio de nitrato, um jerricã cheio de gasolina e alguns explosivos encontram-se no banco de trás da viatura. O detonador está ligado a um temporizador defeituoso. Os números digitais andam mais depressa que o tempo real.

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

O homem cada vez mais próximo da viatura.

INT. VIATURA - NOITE

O temporizador aproxima-se rapidamente do zero.

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

Com o homem junto do carro. Este explode. O homem é morto e a fachada do edificio destruído.

INT. CASA DO FRANCISCO - DIA

COZINHA.

Na manhã seguinte, o Francisco toma o pequeno almoço, quando o pai, muito agitado, entra na cozinha. Dá o jornal ao filho e liga o radio. Ele procura o noticiário no velho rádio em cima da mesa.

Francisco lê o jornal: "Atentado terrorista, deixa um edifício danificado e um inocente morto". Ele não acredita. E deixa cair o jornal. Pai e filho ouvem a noticia aterrorizados.

Só nos apercebemos que a notícia é grave pela expressões no rosto deles.

EXT. RUA EM LISBOA - DIA

Local da explosão. A judiciária e a PIDE investigam os destroços. As autoridades encontram um pedaço de papel, parcialmente queimado, que revela o logo da oficina do pai do Francisco.

EXT. CEMITÉRIO DOS PRAZERES - DIA

O funeral do homem morto na explosão. É um ambiente de tristeza. Conhecidos e familiares juntos na dor.

O PADRE (60s) benze o caixão. A ESPOSA do homem morto (38) e a jovem LARA (15) em lágrimas.

EXT. CASA DO FRANCISCO - DIA

A MÃE do Francisco (35) suplica à GNR e à PIDE para não prenderem o marido. Ela grita e chora, enquanto o CHEFE DA PSP(40) segura e procura confortar a mulher.

INT. OFICINA - CONTÍNUA

Francisco repara uma televisão, quando ouve os gritos da mãe. Preocupado ele sai da loja a correr.

EXT. CASA DO FRANCISCO - CONTÍNUA

Francisco vê o pai a ser levado pela GNR e agentes da PIDE. Ele tenta intervir, mas é afastado pelos agentes.

O filho suplica. O pai olha para ele. Ele abana a cabeça lentamente. O filho, infelizmente, compreende o que o pai quer dizer.

O jovem abraça a mãe enquanto o pai é enfiado num carrinha.

A NEGRO:

LEGENDA: Três anos mais tarde.

FADE IN:

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

PESADELO:

Um carro explode. O rosto do civil morto coberto por uma mancha negra.

INT. CASA DO FRANCISCO - NOITE

FIM DO PESADELO:

QUARTO DO FRANCISCO.

Francisco agora com 18 anos, acorda sobressalto do pesadelo. Cansado e encharcado em suor levanta-se da cama.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Ele caminha lentamente pelas ruas vazias de Alcobaca.

EXT. CASTELO - NOITE

Francisco sentado em silêncio na muralha do velho castelo, assiste ao sol nascer por detrás da serra.

Fim da canção.

INT. OFICINA - DIA

Francisco atende um cliente com um velho e pesado radio avariado. O sininho por cima da porta toca.

FERNANDO e ANTÓNIO, um ano mais velho que ele, entram como se fossem donos do espaço. Eles começam a remexer nos vários objetos e riem das suas palhaçadas.

Francisco tenta manter a calma, enquanto entrega ao cliente um talão. Com um simples gesto de agradecimento o cliente sai. Ele pega no pesado radio e com alguma dificuldade transporta-o para cima da bancada.

FRANCISCO

Não custa nada em dar uma mãozinha.

Fernando e António começam a bater palmas. Francisco olha para eles tipo "muito engraçadinhos".

ANTÓNIO

Tu és o génio da electrónica.

FERNANDO

O cérebro.

ANTÓNIO

Nós? Meros observadores desse génio.

...que os dois acham muito divertido, exceto o Francisco.

EXT. CASTELO - NOITE

Sentados na muralha do castelo, olham para a pequena vila iluminada, enquanto despejam umas cervejas em silêncio.

INT. CASA DO FRANCISCO - NOITE

COZINHA.

Francisco entra na cozinha. Na mesa está o jantar frio. A mãe lava a loiça muito lentamente, enquanto olha melancolicamente pela janela. No rádio o som dos "Parodiantes de Lisboa", enche a cozinha. A mãe está distante.

QUARTO DO FRANCISCO.

Francisco senta-se na cama. Ele olha para a foto, em cima da cómoda, da família quando eram felizes.

ELIPSE TEMPORAL.

Francisco às voltas na cama.

SONHO:

Uma silhueta negra aproxima-se cada vez mais do carro. Ele avisa a pessoa para fugir. Mas já é tarde, o carro explode.

FIM DO SONHO:

Ele acorda novamente sobressalto.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - NOITE

Francisco caminha sem rumo, ignora a chuva e o vento.

Ele repara nos dois IRMÃOS GÊMEOS, de quinze anos, a tentarem colar um cartaz de protesto na parede húmida. Ele sorri.

Um grupo de três jovem mulheres (a Lara, a SARA e ZARA) de dezoito anos, encolhidas debaixo do chapéu de chuva, com risos e gargalhadas soltas, aproximam-se do Francisco.

A Sara, a mais alta do grupo, tenta por um ar sério...

SARA

Onde fica o Henry's?

Elas desmancha-se a rir. Francisco percebe que já estão um pouco tocadas.

LARA

Somos de Lisboa. Estamos de férias.

ZARA

E fomos convidados para uma festa.

Francisco olha para a Lara. Ela sorri. Existe uma espécie de atração entre eles.

SARA

Acho que devíamos ter virado à direita, algures por...

Os dois irmãos continuam a tentar colar os cartazes contra o regime.

De repente ouve-se um apito da polícia.

SARA (CONT'D)

...ali.

E aponta para o fundo da rua.

Os irmão gêmeos largam os cartazes, pincel e lata de cola líquida e fogem.

Francisco e as jovens reparam nos DOIS AGENTES da PSP em perseguição.

FRANCISCO
Ao fundo à esquerda. É o armazém a seguir à tipografia.

Sorrateiramente o Chefe da Polícia aparece ao lado deles. É o Sargento Silva.

SARGENTO SILVA
Não deviam já estar na cama?

A miúdas assustam-se.

FRANCISCO
Sargento Silva, boa noite. São de Lisboa. São primas.

SARA
É melhor ir.

Zara começa a bocejar.

ZARA
Estou mesmo a ficar com sono.

Lara sorri. Francisco olha profundamente para o sorriso.

SARA
Boa noite. Acho eu..?

E afastam-se deles.

O Chefe da Polícia, olha para o jovem. Francisco abana a cabeça. O Chefe parece desapontado e desaparece.

A Lara aproxima-se dele.

LARA
O que vai acontecer aos rapazes?

FRANCISCO
Nada. São filhos dele.

Uma troca de olhares tímidos de início mas de atração. Lara sorri.

LARA
Bye.

E junta-se às amigas.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

É um antigo armazém transformado no 'Henry was Here', uma pré-versão do 'Rock Rendez-vous' mas nos anos 70. Um local dedicado ao espírito jovem estilo americano: moda, cultura, bebidas e drogas. Ou seja tudo proibido pelo regime.

Ao fundo encontramos um palco improvisado. Num canto encontramos um DJ a colocar música. A área de dança está repleta de jovens e não muito jovens, vestido em roupas semelhante aos seus heróis, a dançar ao som de bandas como os Black Sabbath ou Elton John entre muitas.

Num balcão improvisado servem-se todo o tipo de bebidas, algumas proibidas - tais como a Coca-Cola.

Sofás, cadeiras e mesas estilizadas completam o décor.

Numa das mesas encontramos o HENRY, juntamente com o DIOGO e o ZÉ, a discutirem política.

DIOGO

Enganas-te, Henrique. O que-

HENRY

Henry. O meu nome é Henry. Porra.

DIOGO

Okay. Henrrrry. Fogo. O que estou a dizer é que não podemos ficar calados. A luta armada é a única maneira de derrubar o regime.

ZÉ

Não. Não acredito. Violência só gera violência. O isolamento do regime-

HENRY

E não só. A inflação, a censura e a guerra-

DIOGO

Não. Porra. A violência é a única solução. Morte a todos os porcos fascistas.

ZÉ

Ouve Diogo. O regime vai implodir. Aliás está a implodir. Ninguém quer...

Enquanto o grupo continua a comentar a situação política do país, o PORTEIRO (25) abre a porta. Pela frente estão as jovens Lara, Sara, e Zara.

A Sara mostra o convite. O porteiro tem dúvidas e olha para o Henry, que sorri para a Sara e acena ao porteiro.

Elas aproximam-se da mesa do Henry, os outros dois calam-se rapidamente.

SARA

Olá Henry. As minhas primas: Lara e Zara.

Ele olha para as três jovens mulheres um pouco confuso.

SARA (CONT'D)

Sim. Eu sei. As nossas mães são muito chegadas.

Henry Levanta-se para as cumprimentar. A Lara repara na bengala pendurada nas costas da cadeira. Elas reparam na armação metálica na perna.

HENRY

Enchanté. Mi casa és su casa.

DIOGO

Desde que paguem as bebidas.

Os outros dois estão divertidos.

"Superstition" de Stevie Wonder começa a tocar.

Encantadas com o ambiente, as jovens, animadas, vão para a pista de dança.

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

Francisco atravessa a rua. Olha para um dos cartazes contra o regime. Ele repara num segundo cartaz no chão. Pega no papel, molha o pincel na cola e fixa o cartaz na parede.

Ele parece satisfeito com o trabalho, até ao momento em que repara no símbolo dum Grupo Revolucionário Armado (GRA).

IMAGENS SOLTAS: Uma noite. Um carro com explosivos. Um temporizador em contagem decrescente acelerado. Uma explosão e um homem inocente morto.

Ele cambaleia, mas não cai.

INT. OFICINA - NOITE

O sininho por cima da porta toca, quando Francisco entra. Além de molhado também está muito nervoso. Ele tenta limpar as lágrimas dos olhos. Irritado e com as imagens soltas daquela noite do atentado ainda presentes na memória, ele varre tudo o que está em cima da banca.

Ele grita.

INT. CASA DA MARIANA - NOITE

QUARTO.

O António e a MARIANA (35) ela deitada de costas na cama e ele deitado de lado. Ambos cansados e suados. Ele aprecia a beleza da Mariana. Sorri.

ANTÓNIO
Seremos felizes amanhã?

MARIANA
Carpe diem

Confuso...

ANTÓNIO
Carpa do dia?

Ela sorri...

MARIANA
Não meu parvo. Aproveita o dia.
Amanhã será outro dia.

António sorri e beija a Mariana apaixonadamente.

EXT. CASA DA MARIANA - NOITE

Um HOMEM de negro escondido debaixo do toldo da loja em frente olha fixamente a janela do quarto.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

Os Rolling Stones cantam Angie.

Fernando dança com a JOANA (19). É um tema lento. Joana agarra o namorado com mais força, mas ele parece não revelar interesse em estar ali.

Irritada com a falta de atenção do Fernando, a namorada larga o jovem e agarra-se ao ABÍLIO (19) e começa a dançar com ele.

Aliviado, Fernando, abandona a pista. No bar agarra numa garrafa de Coca-Cola, destinada a outro cliente, e junta-se ao grupo de Henry.

DIOGO

Que achas: violência ou paciência?

Fernando não percebe o que o amigo quer dizer. E vira-se para o Henry.

FERNANDO

Viste o Xico?

HENRY

Não. Porquê?

FERNANDO

Ultimamente parece... Sei lá. Não estar lá ou cá. Sabes?

Henry repara na Joana a dançar com o Abílio. Ela ri-se das piadas dele. Com um sorriso um pouco amargo...

HENRY

Nem ele, nem o Tó.

ZÉ

Por acaso vi o gajo com a professora de filosofia a passear pelo jardim.

FERNANDO

Não entendo aquele gajo e as gajas mais velhas.

Todos os três amigos têm um sorriso irónico, o que deixa o Fernando fora da piada.

A SILVIA (17), irmã da Joana, entra como uma estrela do cinema. Quando tira o casaco comprido e molhado que entrega ao porteiro, revela uma bonita minissaia às riscas dos anos 60. É mais mini que saia.

Ela acena a todos com um largo sorriso enquanto se dirige para a pista e começa a dançar.

Por debaixo da música, a Joana tenta convencer a irmã para ela regressar a casa e mudar de roupa. Mas a Sílvia não liga às preocupações da irmã.

O grupo de rapazes olham para o Fernando num riso de gozo. Fernando nem quer saber.

INT. OFICINA - DIA

Francisco arruma a oficina. António e Fernando entram alegres...

ANTÓNIO
...aposto que todos os gajos
estavam com o-

FERNANDO
Os outros não sei, mas eu-

E reparam no Francisco arrumar a confusão de ontem à noite.

ANTÓNIO
Que foi-

Francisco olha para eles.

FRANCISCO
Nada. Porquê?

FERNANDO
Meu. Perdeste o espetáculo do ano.

ANTÓNIO
A Sílvia apareceu numa minissaia
tão curta que-

FERNANDO
Ele percebe. Não precisa dum
desenho.

ANTÓNIO
Só visto.

FERNANDO
Não apareceste no Henry's?

Francisco hesita em responder e é salvo pelo sininho por cima da porta. Lara e a MÃE (40), uma mulher ainda muito atraente, entram com um velho rádio, que mais parece uma peça de museu.

Enquanto Francisco se dirige ao balcão, os outros dois observam as duas mulheres. A mãe da Lara tem um sex-appeal que deixa os jovens estonteados.

FERNANDO (CONT'D)
 (numa voz pouco audível)
 Começo a perceber o teu fascínio
 pelas mulheres mais velhas.

António sorri.

FERNANDO (CONT'D)
 Oh... moma.

Francisco atende as duas mulheres. Ele olha e sorri para a Lara, que parece ignorá-lo, o que deixa o jovem confuso.

MÃE DA LARA
 É possível arranjar este rádio?

Francisco dá uma vista de olhas ao aparelho.

MÃE DA LARA (CONT'D)
 Pertencia ao meu falecido marido.

LARA
 E tem um valor sentimental.

O jovem olha novamente para a Lara.

MÃE DA LARA
 Na vila todos dizem que é o melhor.

FRANCISCO
 Exageram. Claro.

Fernando e António trocam de olhares e riem da modéstia do amigo.

Ele pega no aparelho e transporta-o para a bancada. Preenche um talão e entrega à mãe da Lara.

FRANCISCO (CONT'D)
 Sexta. Pode ser na sexta.

E sorri novamente para a Lara. Ela sente-se um pouco embaraçada e ao mesmo tempo lisonjeada.

A mãe da Lara sorri para o Francisco e para os amigos.

MÃE DA LARA
 Sendo assim até sexta.

Ambas as mulheres saem divertidas.

Os três jovem competem para serem o primeiro a chegar à rua.

EXT. OFICINA - DIA

Os três jovens vêm as mulheres a descer a rua.

FERNANDO
Acho que estou apaixonado.

Francisco e António olham para o Fernando, com um olhar curioso e...

ANTÓNIO
A Joana sabe?

...desmancham-se a rir.

EXT. CASTELO - DIA

Sentados na muralha do castelo, os três amigos observam a vila, enquanto bebem umas cervejas.

ANTÓNIO
O Xavier foi preso novamente.

FERNANDO
Ainda bem, é um parvo.

FRANCISCO
Para um regime que prometeu uma maior abertura, eles andam, ultimamente, a prender muitos jornalistas.

FERNANDO
Mesmo assim não deixa de ser parvo.

FRANCISCO
Tu só não gostas dele-

ANTÓNIO
Isso não tem haver com o facto de ele te ter espancado no primeiro ano do liceu?

FERNANDO
Foi na primária.

FRANCISCO
E no liceu.

Silêncio.

ANTÓNIO
 Há para aí um zum zum sobre
 reuniões clandestinas...

Os dois olham para ele espantados.

ANTÓNIO (CONT'D)
 ...contra o regime.

FRANCISCO
 Desde quando é que tu... (beat) Há.
 A Mariana?

ANTÓNIO
 Há quem diga que o marido matou um
 par de Pides e uns bufos.

FRANCISCO
 Com as próprias mãos.

Francisco finge estar a ser estrangulado.

Fernando e Francisco desmancham-se a rir da brincadeira.

ANTÓNIO
 Vão-se lixar.

Ainda a rir, Fernando olha para o António.

FERNANDO
 Bom foi um prazer em ter-te
 conhecido.

Fernando desce do muro.

FRANCISCO
 Onde é que vais?

FERNANDO
 À câmara. A lista dos sortudos já
 deve ter chegado.
 (irónico)
 Não sabem? Vou ser um herói de
 guerra.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - DIA

Um grupo de rapazes dos 16 aos 20 anos que pertencem à
 Mocidade Portuguesa (MP), os camisas verdes, perseguem o
 Henry pela rua, enquanto gritam insultos.

Henry a coxear e sangrar do rosto tenta desesperadamente
 chegar à porta do clube.

ADOLFO (19), o jovem líder dos MPs em Alcobaça, empurra o jovem brutalmente para o chão.

ADOLFO
És uma vergonha, Henrique. Devias estar grato por caminhar entre nós.

E começa a pontapear o jovem.

ADOLFO (CONT'D)
Nós somos o futuro. A raça pura.
Tu. Porquê? Porquê ainda respiras?

Os restantes membros do grupo seguem o líder.

Fernando interfere...

FERNANDO
Hei. Hei. Afastem-se.

...e empurra os membros do movimento de cima do amigo.

FERNANDO (CONT'D)
São parvos ou quê?

E vira-se para o Adolfo.

FERNANDO (CONT'D)
És mesmo parvo, Adolfo. Se ele não fosse-

ADOLFO
Coxo e paneleiro. É uma abominação perante deus e a pátria. Estes filhos da puta devem ser todos excomungados. Exterminados.

Irritado, Fernando dá um soco na cara do Adolfo. Este olha para o Fernando cheio de ódio. Com a manga da camisa, ele limpa o sangue do rosto. Adolfo começa a rir...

ADOLFO (CONT'D)
Escolheste o lado errado. Os puros vencerão.

FERNANDO
Desaparece.

ADOLFO
Isto não acabou!

O Adolfo e os capangas afastam-se.

Fernando tenta ajudar o amigo a levantar-se.

HENRY
(bruscamente)
Deixa-me!

FERNANDO
Filhos da puta. Acham que são superiores. Que podem pisar tudo e todos.

HENRY
E podem. Sempre o fizeram. Sempre o fazem. Sempre o farão. Eles estão protegidos.

Henry abre a porta do clube.

HENRY (CONT'D)
Eles são as novas elites. O super-homem. (beat) Bom, já que estragaste uma bela sova, é melhor entrares...

INT. HENRY WAS HERE - DIA

Os dois entram. Henry acende as luzes.

HENRY
...e beber algo. Não é que não a mereceste.

E Fernando fecha a porta.

HENRY (CONT'D)
Gajos como o Adolfo pensam que o mundo lhes pertence: a raça pura, a raça superior.

Fernando ajuda o Henry até ao balcão e a sentar-se num banco.

HENRY (CONT'D)
Têm o dinheiro. O poder. Serve tu. Amigos poderosos. Um mundo perfeito... para eles...

Atrás do balcão, Fernando tira uma garrafa de Coca-Cola do frigorífico. E da prateleira uma garrafa de whiskey juntamente com um copo.

HENRY (CONT'D)
...não para gajos como tu e eu...

As mãos de Henry tremem enquanto tenta limpar os óculos. A armação está um pouco estragada. Fernando tira os óculos das mãos dele e começa a endireitar a armação.

HENRY (CONT'D)

Eu. Uma barata a ser espezinhada.
Tu. Carne para canhão.

Fernando limpa as lentes e coloca os óculos no rosto do amigo. Henry endireita os óculos.

FERNANDO

Pensei que os Nazis tivessem sido
todos enforcados em Nuremberg.

E abre a garrafa de whiskey. Ele enche o copo do Henry.

HENRY

Tu e a tua Coca-Cola. Alguns.
Outros fugiram. Mas as ratazanas
continuam por aí.

Fernando bebe a garrafa de Coca-Cola num único golo. Quando termina solta um arroteo bem alto. Os dois soltam umas gargalhadas.

HENRY (CONT'D)

Acho que Deus me fez diferente dos
outros.

FERNANDO

Não sejas parvo. Ele estava a pedi-
las. Bom ódio beber e ir mas...

HENRY

Aonde é que vais?

FERNANDO

Não sabes? Vou ser um herói de
guerra.

E sai porta fora.

HENRY

Parvo...

EXT. RUA POR DETRÁS DO MOSTEIRO - DIA

Francisco e António caminham lentamente em direção da oficina.

ANTÓNIO
 ...não sei. Sei que parece
 estranho...

FRANCISCO
 A diferença de idades?

ANTÓNIO
 Não, mas por uma razão qualquer
 sinto que ela é a minha alma gémea.
 O meu destino. Não sei. Achas que
 estou a ser parvo?

FRANCISCO
 Estás apaixonado?

ANTÓNIO
 Acho que sim. Não. Sim. Sei que
 devia afastar-me, mas...

FRANCISCO
 O amor é assim. Não te preocupes.
 Quando a revolução chegar, vamos
 matá-los a todos.

Ele ri da sua piada.

ANTÓNIO
 E tu? Aquela rapariga da rádio
 parece interessante?

FRANCISCO
 Acho que só quer o rádio arranjado.

ANTÓNIO
 Talvez.

Francisco muda de assunto.

FRANCISCO
 Vais para a faculdade, meu. Vais
 ser um grande escritor. Vais
 finalmente livrar-te desta vila de
 faz-de-conta.

ANTÓNIO
 Não sei. Ele não quer que vá para
 letras... Se a minha mãe ainda
 estivesse viva. Sei lá.

INT. CASA DO ANTÓNIO - NOITE

SALA DE ESTAR.

É uma sala bem cuidada, com bastante arte africana. Livros por todo o lado.

ANTÓNIO (V.O.)
...já não sei nada...

O António está sentado no sofá a ler um livro, quando o PAI DO ANTÓNIO (50) entra. É um homem alto, bem composto, atraente e determinado. Ele olha para o filho com um ar irritado.

PAI DO ANTÓNIO
Já pensaste no assunto?

O jovem olha para o pai com um ar desafiante.

ANTÓNIO
Sim. Vou para letras.

O pai nada satisfeito.

PAI DO ANTÓNIO
Vais deitar o teu futuro fora por causa de uma lambisgoia.

António levanta-se do sofá visivelmente irritado.

ANTÓNIO
É uma mulher culta?

PAI DO ANTÓNIO
Velha! E casada.

ANTÓNIO
Olha quem fala. Depois da morte da mãe e de África, só procuras conforto nas miúdas com vinte anos... O que diria a mãe?

O jovem sai de rompante da sala.

O pai está visivelmente irritado com o filho.

EXT. RUA POR DETRÁS DO MOSTEIRO - DIA

ANTÓNIO
Ele quer que vá para economia. Diz que é o futuro.

FRANCISCO
E dás ouvido ao teu pai? Nós somos o futuro, meu. A geração que vai revolucionar o mundo.

ANTÓNIO
Somos uma geração destinado ao
fracasso.

INT. CÂMARA MUNICIPAL - DIA

PEQUENO GABINETE.

Adolfo e um FUNCIONÁRIO (40) da câmara conversam. Não ouvimos o que dizem. Mas pelos sorrisos não pode ser nada de bom.

GABINETE DO PRESIDENTE DA CÂMARA.

O presidente da câmara atende o telefone. Em cima da mesa estão as lista dos militares convocados.

PRESIDENTE DA CÂMARA
Sim. Olá filho. Sim acabaram de
chegar.

Ele dá uma vista de olhos pela lista.

PRESIDENTE DA CÂMARA (CONT'D)
Não. Não vejo o nome Nando. Claro.
O governador tratou de tudo. Para
que servem as cunhas. Adeus filho.

E antes de desligar.

PRESIDENTE DA CÂMARA (CONT'D)
Vens jantar? A tua mãe... Sim está
bem. Eu digo-lhe.

E desliga o telefone.

CORREDOR.

A SECRETÁRIA DO PRESIDENTE (60) entrega ao funcionário amigo do Adolfo as listas. Sem dizer nada ele desaparece para dentro de um gabinetes.

GABINETE.

Ele entra com as listas. Adolfo sentado na mesa tem um sorriso maquiavélico.

INT. OFICINA - DIA

Francisco surpreendido ao ver o SR. MARQUES (50) na loja. António por seu lado preocupado.

A Mãe do Francisco aparece da sala do fundo com um ar feliz.

MARQUES

Já sabemos que o teu pai foi transferido de Aljube para o Forte de Caxias.

FRANCISCO

E isso é melhor?

MARQUES

Não.

MÃE DO FRANCISCO

Mas pelo menos sabemos que está vivo.

E sem mais uma palavra ele despede-se com um simples abano da cabeça.

E com um olhar, que António descreveria como uma ameaça, ele sai da oficina.

Mãe e filho abraçam-se.

INT. PAPELARIA DO ROSSIO - DIA

Lara folheia a revista Flama, quando Francisco aparece sorrateiramente por detrás dela.

FRANCISCO

Sabes que essas pessoas não existem, certo?

A jovem dá um salto meia assustada, acabando por derrubar algumas revistas. Com um sorriso meio feliz e um pouco irritado...

LARA

A realidade está tão sobrevalorizada.

Francisco ajuda a jovem a colocar as revistas na prateleira.

LARA (CONT'D)

Mais alguma coisa?

FRANCISCO

O rádio está pronto.

Ela está impressionada.

LARA

Isso foi rápido.

Enquanto saem da loja.

EXT. ROSSIO - DIA

É um dia soalheiro.

LARA

Pois mas só posso ir buscar na sexta.

FRANCISCO

Pois. Quanto a isso. Vou estar um pouco ocupado na sexta-feira.

Lara fica um pouco desapontada.

INT. CÂMARA MUNICIPAL - DIA

Fernando procura as listas na vitrina. As listas não estão afixadas.

Ele entra no gabinete ao lado.

GABINETE.

A burocracia no seu melhor. Pilhas de papeis. E um FUNCIONÁRIO (60) a tentar por ordem na confusão.

FERNANDO

Desculpe?

O homem para e olha para o jovem surpreendido.

FERNANDO (CONT'D)

As listas dos convocados?

O homem um pouco confuso para ele. Olha para os papeis à sua volta.

FUNCIONÁRIO

Devem estar afixados na vitrina. Quando sair à esquerda.

FERNANDO

Não estão.

O homem olha novamente para os papeis.

FUNCIONÁRIO

Pois...

E quando olha para o jovem, este está de saída.

E volta novamente para o trabalho que tem em mãos.

EXT. ROSSIO - DIA

Lara olha para o chão.

LARA

Pois...

Francisco um pouco nervoso.

FRANCISCO

Pois... (beat) Queria convidar-te para irmos ao Henry's na sexta à noite.

LARA

Queria? Ou quero?

FRANCISCO

Quero. Claro. Quero. Queres?

Um largo sorriso no rosto da Lara. Mas ela faz-se difícil.

LARA

Pois... Não sei. Acho...

Francisco está mais confuso que nervoso.

LARA (CONT'D)

...que sim. Sim.

Francisco solta um "yes" enquanto dá um salto de alegria.

Alguns transeuntes olham para eles, o que deixa a Lara um pouco embaraçada.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

Na pista de dança, Fernando e a Joana dançam ao som do "Crocodile Rock" de Elton John. O casal parece mais discutir que dançar.

JOANA

Porque tens sempre de te armar em herói?

FERNANDO

O Adolfo é um parvo.

JOANA

E tu um idiota.

FERNANDO

Henry é um amigo. É nosso amigo.

Alguns dançarinos olham para eles.

Do outro lado da sala, Henry olha para o casal a discutir apesar de não ouvir uma única palavra. Ele sorri.

António traz-lhe uma bebida.

HENRY

O amor é lindo, não achas?

ANTÓNIO

Veremos. Seis meses max.

Os dois sorriem.

HENRY

Uma aposta?

ANTÓNIO

Não. O meu pai cortou o fundo para pagar a faculdade. Agora tenho de poupar.

HENRY

É a vida de escritor, meu amigo.

Os copos tocam e bebem um golo.

HENRY (CONT'D)

Não te preocupes meu amigo, o amor sempre triunfa.

Francisco e Lara juntam-se a eles.

HENRY (CONT'D)

Não nos introduzes?

LARA

Sou a Lara. Prima da Sara?

E faz-se luz no Henry.

HENRY

Ah. A Mara.

LARA

Lara.

HENRY

Pois...

Na pista de dança, uma Joana irritada abandona o Fernando e começa a dançar com o Abílio. O Fernando abandona a pista e junta-se aos amigos.

ANTÓNIO

Não me digas. Ela quer casar em julho e tu agosto.

FERNANDO

Pior. Quer que faça aquela peça estúpida.

Ele repara na Lara.

FERNANDO (CONT'D)

E tu és?

LARA

Lara. Conhecemos-vos na semana passada.

Fernando estranha...

LARA (CONT'D)

Oh... moma.

Faz-se luz na cabeça do Fernando.

FERNANDO

Ah... Claro.

Fernando aponta o dedo à cabeça.

FERNANDO (CONT'D)

Como uma caixa forte.

ANTÓNIO

E mesmo assim chumbou o liceu.

FRANCISCO

Por outro lado, vai ser um herói de guerra.

FERNANDO

As listas ainda não chegaram.

Henry estranha.

HENRY

Estranho. O meu pai disse que as listas já tinham chegado. O teu nome não constava.

Música para os ouvidos do Fernando, que pula e grita de alegria.

Na pista de dança ele rouba a Joana ao Abílio e beija-a.

FRANCISCO
O escudeiro?

HENRY
Pero Pinheiro de certeza.

Todos concordam.

A balada dos Rolling Stones "Angie" começa a tocar.

Lara arrasta o Francisco para a pista, onde todos dançam ao ritmo lento da música.

Henry e o António observam os casais a dançarem muito apaixonadamente.

Ambos observam o Francisco e Lara.

HENRY (CONT'D)
Amor ou amor de verão?

Henry debruça-se sobre o balcão e retira um garrafa de absinto puro francês.

ANTÓNIO
Qual a diferença?

Henry enche dois copos.

HENRY
Depende.

E entrega um dos copos ao António.

ANTÓNIO
Que importa. Ele está feliz.

António olha para o copo.

ANTÓNIO (CONT'D)
O que é isto?

Com um sorriso...

HENRY
A bebida dos deuses e musas.

António olha desconfiado para o Henry.

HENRY (CONT'D)
Como vão as coisas com...?

ANTÓNIO
A Mariana?

HENRY
Ia dizer a vida... Que se lixe.

Brindam.

HENRY E ANTÓNIO
Que se lixe!

E esvaziam os copos num único golo.

INT. SEDE DOS MPS - NOITE

Adolfo está a falar com um agente da PIDE (35). Ele entrega as listas ao agente.

AGENTE DA PIDE
Vamos ver isso. Fernando Faria.

ADOLFO
Fernando Alberto da Silva Faria.

O agente assenta o nome.

AGENTE DA PIDE
Obrigado por ter reparado nesta gravíssima lacuna. São falhas como estas que nos pode custar a guerra.

Eles fazem a saudação da mocidade. O agente abandona a sala.

Com um sorriso malicioso que se transforma num sorriso de alegria acaba por juntar-se ao grupo de crianças da Mocidade.

ADOLFO
Quem são os nossos inimigos?

CRIANÇAS
Os traidores da pátria. Portugal para sempre.

Uma CRIANÇA (10) levanta a mão.

RAPAZ
Eu tenho uma denuncia...

Todos os olhares da sala voltam-se para ele.

RAPAZ (CONT'D)
 O meu pai ajudou Álvaro Cunhal a fugir de Óbidos.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Noite chuvosa. Francisco acompanha a Lara a casa. Eles caminham muito aconchegados debaixo do chapéu de chuva.

FRANCISCO
 Da primeira vez, quando o cliente foi ligar o rádio, este explodiu.

Lara ri.

FRANCISCO (CONT'D)
 Verdade. Palavra de escuteiro.

LARA
 Agora vou ter medo de ligar o rádio.

FRANCISCO
 Tinha dez anos. A minha primeira reparação. Aos doze, consegui que uma televisão arde-se.

LARA
 Alguém ficou ferido.

FRANCISCO
 Não. Mas a minha avó ficou furiosa.

O riso da jovem é encantador.

O inevitável beijo acontece. Foi bom.

De repente, Francisco começa a cantar numa voz desafinada e num inglês ainda pior "singing in the rain", e com os passos de dança de Gene Kelly.

Ele acaba de joelhos, cansado em frente da rapariga. Ela está meio embaraçada, meio sensibilizada, mas muito alegre.

Ele levanta-se. Os dois beijam-se. O chapéu de chuva cai.

Do segundo andar do prédio, uma VELHA SENHORA (70), resmungando e despeja um balde de água fria em cima do Francisco, pela janela.

SENHORA
 Gandulos. Já nem se pode dormir.
 Filhos da...

E fecha a janela.

Francisco completamente encharcado. Olha para cima...

FRANCISCO
Obrigada. Boa noite.

...mas a velhota já não se encontra à janela. Lara não consegue parar de rir.

Um beijo muito apaixonado entre os dois.

EXT. HENRY WAS HERE - NOITE

Henry fecha o armazém. Ele despede-se do António, Fernando e Joana. Estes desaparecem na noite. Abílio junta-se a ele. Eles trocam um beijo. De mão dada, caminham à chuva.

INT. CASA DA MARIANA - NOITE

QUARTO.

Mariana dorme tranquilamente. Carlo acaba de vestir uma gabardina cinzenta escura. Pega no chapéu em cima da cadeira. Olha com ternura para a mulher e senta-se ao lado dela, cuidadosamente para a não acordar.

Ele afasta o cabelo do rosto dela. Ela mexe-se mas não acorda. Ele sorri. Dá-lhe um beijo e sai do quarto.

Mariana abre os olhos lentamente. O quarto está vazio. Ainda é noite. Volta a adormecer.

EXT. CASA DA MARIANA - NOITE

Uma noite chuvosa. Uma FIGURA MISTERIOSA, escondida no escuro do toldo de um loja, observa o Carlos a entrar num carro preto e a desaparecer na chuva. A figura acende um cigarro.

INT. OFICINA - DIA

A mãe do Francisco chega com um tabuleiro com o pequeno almoço. Ela olha um pouco para o filho a soldar uns condensadores numa velha televisão. Ela coloca o tabuleiro na bancada.

MÃE DO FRANCISCO
É melhor comeres qualquer coisa.
Nem dei por chegares a casa...

FRANCISCO

Já era tarde. E sabe como é a
senhora Faustina: quero isto pronto
na segunda...

AMBOS

...senão vou à Philips.

Ambos riem. Ele pega na caneca de café e numa torrada.

MÃE DO FRANCISCO

Sabes. Antes do teu... do teu...
pai...

Francisco olha para a mãe.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)

Sabes. Tínhamos decidido que devias
ir para o Técnico.

FRANCISCO

Mãe. Precisamos do dinheiro. Lisboa
é cara. Além disso. Estou bem aqui.

MÃE DO FRANCISCO

Mereces melhor. És um jovem bonito,
talentoso, inteligente. Esta vila
não é para ti.

Ele abraça a mãe.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)

Tinhas oito anos quando o teu pai
comprou um gira discos. O brilho
nos teus olhos ao ouvir o som e o
disco a girar.

FRANCISCO

Lembro.

MÃE DO FRANCISCO

Nunca nos vamos esquecer, na manhã
seguinte, lá estavas tu sentado na
sala, chave de fendas na mão e um
gira discos todo desmontado.

Francisco sorri.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)

Pelo menos pensa no assunto.

FRANCISCO

Prometo.

EXT. JARDIM FRENTE MOSTEIRO - DIA

Uma bela tarde de sol. Francisco e Lara passeiam de mãos dadas.

FRANCISCO
Que achas de eu ir para o Técnico?

Os olhos da Lara brilham

LARA
Podíamos estudar juntos. Podias ficar lá em casa. Conhecer todas as minhas amigas.

FRANCISCO
Ainda nada é certo.

LARA
Pois...

Ela aproxima-se do Francisco.

LARA (CONT'D)
Apresentava-te às minhas amigas como o meu namorado.

Os dois beijam-se. É um beijo longo e apaixonado.

LARA (CONT'D)
Tenho de ir. Prometi à Sara que ia às compras com ela. Bye.

Ela beija-o novamente e atravessa o rossio.

Ele fica a vê-la juntar-se à multidão com um sorriso de felicidade.

O Chefe da Polícia está ao lado dele e entrega-lhe uma multa.

FRANCISCO
O que é isto?

SARGENTO SILVA
Mãos dadas: dois escudos e cinquenta e mais cinco escudos pelo beijo em público.

FRANCISCO
Isso não existe.

O Sargento Silva puxa de um decreto que entrega ao jovem. Ele repara no preço das multas.

FRANCISCO (CONT'D)
Acha que ainda vou a tempo de optar
pela língua no 'coiso'.

SARGENTO SILVA
Ela é muito bonita.

FRANCISCO
Pois é.

SARGENTO SILVA
Sabes que ela é filha do Alfredo
Duarte, não sabes?

FRANCISCO
Quem?

SARGENTO SILVA
O homem que morreu na explosão há
três anos.

Francisco sente o coração a parar.

EXT. RUA EM LISBOA - NOITE

Um homem a caminhar quando o carro explode.

EXT. CASTELO - NOITE

Francisco está sentado na muralha do castelo.

Imagens da explosão enchem os pensamentos do Francisco: o
carro, o homem a caminhar, o temporizador defeituoso, o homem
a aproximar-se, a explosão, Francisco olha para o homem morto
na relva, tudo fica a negro.

EXT. JARDIM JUNTO CAMPO TÊNIS - DIA

António e a Mariana passeiam em silêncio pelo jardim. Ambos
acabam sentados num dos bancos de madeira. Tudo em silêncio.

ANTÓNIO
O que estamos a fazer?

Ela olha para ele sem saber o que dizer.

António tem um olhar distante e incerto.

INÍCIO FLASHBACK:

EXT. ESCOLA SECUNDÁRIA DE ALCOBAÇA - DIA

Legenda: 1972

ANTÓNIO, com dezoito anos, sentado num dos bancos de pedra, lê o livro de Gustav Flaubert "Uma Educação Sentimental". Nem o barulho dos alunos, gritos dos outros jovens do liceu o distraem da sua missão.

A professora de filosofia, MARIANA MARQUES, repara no jovem muito concentrado na leitura do livro. Ela repara no título do livro. Sorri.

Cheia de curiosidade, a professora aproxima-se dele. Com o sol nas costas, a sua sombra cai sobre o jovem.

António reage lentamente à presença da professora.

MARIANA

Posso perguntar... o que achas do livro?

Ele fecha o livro, olha para os outros jovens a jogarem à bola e finalmente para a professora. Ele encolhe os ombros.

Ela sorri.

MARIANA (CONT'D)

Posso?

Ele afasta a mala da escola para que ela possa sentar-se.

ANTÓNIO

Gosto de ler.

Ela pega e folheia o livro.

MARIANA

Flaubert. Não é propriamente material para um liceu.

Mariana repara na pequena pilha de livros ao lado do jovem. A maioria proibidos. Ela sorri.

MARIANA (CONT'D)

E muito menos recomendados pelas autoridades.

ANTÓNIO

Estou de castigo?

Ela ri.

MARIANA
Por ler? Achas?

ANTÓNIO
Cada livro é um passo para a
liberdade. Novos mundos. Vidas.
Aventuras. Amores-

MARIANA
E desgostos.

Ela pega no livro "Anna Karenina".

INT. CASA DA MARIANA - DIA

QUARTO.

António e a Mariana na cama.

FIM DO FLASHBACK:

EXT. JARDIM JUNTO CAMPO TÊNIS - DIA

Ela olha para o António. Sorri.

MARIANA
Amanhã é outro dia...

Estão a sós. Beijam-se.

INT. OFICINA - FIM DA TARDE

Francisco está a soldar uns fios num cinescópio. Tarefa simples, dificultada por uma Lara um pouco mais namoradeira que o habitual. Ele tenta ignorar a disposição dela, o que deixa a jovem um pouco perplexa.

Um António, cheio entusiasmo, irrompe pela oficina.

ANTÓNIO
Não vão acreditar quem o Henry
conseguiu para atuar na vila?

Francisco desiste de tentar reparar a televisão.

ANTÓNIO (CONT'D)
Vá lá. Adivinhem? Pelo menos
tentem.

Francisco tem a expressão de quem nem quer saber.

LARA
 Não liguês. Ele hoje está de mau humor. Agora que somos namorados.

Isto deixa o António feliz e um pouco confuso.

ANTÓNIO
 Sim?

LARA
 Sim.

Francisco vai dizer algo quando...

ANTÓNIO
 Os Vinegar Joe!

Lara solta um grito de entusiasmo.

LARA
 Não!

ANTÓNIO
 Sim!

LARA
 Não posso? Os Vinegar Joe!

EXT. CÂMARA MUNICIPAL - FIM DE TARDE

Fernando e Joana discutem em frente do edifício. Alguns curiosos olham para o jovem casal.

FERNANDO
 Porque não quero. Não sou ator.

JOANA
 Nenhum de nós é.

FERNANDO
 E muito menos fazer figura de camelo em frente da vila.

JOANA
 Tu nunca apoiás os meus projetos.

FERNANDO
 Apoio sim.

JOANA
 Quando?

FERNANDO
Daquela vez no mosteiro.

JOANA
Estavas bêbedo. Mal conseguias
andar. E deste cabo da decoração
toda.

FERNANDO
Vês. Sempre ajudo.

Ela dá-lhe um estalo.

JOANA
E sabes mais? És um IDIOTA!

Ela vai-se embora a fumar.

FERNANDO
Pois. É um peça estúpida!

De repente dá conta do número de pessoas a olharem para ele.

FERNANDO (CONT'D)
O quê? A peça é estúpida.

E entra no edifício.

INT. CÂMARA MUNICIPAL - FIM DE TARDE

CORREDOR.

Fernando percorre as listas dos convocados. Até agora está satisfeito em não ver o seu nome. Mas, quando chega à última folha, para o seu espanto, lá está o seu nome em preto e branco.

Ele nem acredita.

GABINETE.

Benvindo ao universo do Kafka.

É um gabinete amplo do finais do século 19, com pouca luz apesar das janelas serem grandes, livro de registos, pedido de autorizações e outros documentos empilhados pela sala.

Dois funcionários públicos, muito para além da idade da reforma, são as únicas almas vivas no gabinete.

Fernando chama a atenção do PRIMEIRO FUNCIONÁRIO (70s). Este arrasta-se penosamente até ao balcão de atendimento.

FERNANDO

As listas dos convocados? Quando é que chegaram?

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO

Acabaram de chegar. Sim senhor...

O funcionário olha para o relógio pendular na parede. E quando o relógio chega às dezasseis horas em ponto.

PRIMEIRO FUNCIONÁRIO (CONT'D)

...há exatamente uma hora.
Diretamente do Ministério. Entregue em mão e tudo.

Fernando estranha o SEGUNDO FUNCIONÁRIO (70s), sentado junto da velha "Olivetti M20", a preencher um relatório. O homem verifica cada letra datilografada antes de passar à seguinte.

O segundo funcionário olha para o Fernando com um sorriso sinistro e fora da realidade. O riso estranho e os contornos do rosto ganham formas quase ao estilo de Dali.

EFEITO.

EXT. SELVA AFRICANA - DIA

Fernando dá por si no meio da selva, com uma G3 nas mãos. Som de disparos assobiarem por dele. Um fumo denso impede-o de ver o quer que seja.

Fernando está perdido, confuso e com medo.

Uma bala raspa o seu rosto. Sangue escorre pela face.

De repente um barulho estrondoso, acorda o jovem para a realidade.

FIM DO EFEITO.

INT. CÂMARA MUNICIPAL - FIM DA TARDE

GABINETE.

Fernando sobressaltado olha para o primeiro funcionário que empurra a Guia de Marcha para o jovem. A sua mão vai instintivamente para o rosto. Nada. Ele olha para a mão mas não encontra vestígios de sangue.

Lentamente Fernando pega no papel e olha incrédulo para o nome dele na folha.

INT. CASA DA MARIANA - FIM DA TARDE

SALA DE ESTAR.

Livros, de literatura grega, clássica, do período do romantismo e política, aos grandes filósofos enchem a estante de parede.

Uma decoração clássica e de bom gosto. Alguns quadros pendurados nas paredes juntamente com algumas fotografias do casal espalhadas pela sala.

No velho gira discos toca a "sonata número 1" de Mozart.

Carlos Marques está numa cadeira sofá tranquilamente a ler o livro de Lenin "Obras Escolhidas 3". Mariana, um pouco ansiosa, entra com um tabuleiro com chá e umas bolachas, para o marido.

Ele olha para ela e sorri, enquanto ela coloca o tabuleiro em cima de uma pequena mesa ao lado do sofá. Mariana tem um sorriso um pouco nervoso e submisso.

MARIANA

Posso acrescentar um pouco de...
se..?

MARQUES

Tenho a certeza que está ótimo.

Ele saboreia o chá.

MARQUES (CONT'D)

Umm... Perfeito. Camomila com um pouco de limão. Amo-te.

MARIANA

Não tens uma reunião esta noite?

MARQUES

Não. (beat) Amanhã.

Ela força um sorriso e beija-o na testa.

MARIANA

Ah. Tens razão. Esqueci.

Ele sorri educadamente para ela.

MARIANA (CONT'D)

Vou para o escritório. Ainda tenho alguns exames para classificar.

Ela sai da sala. O sorriso do Marques desvanece e lança um olhar desconfiado à esposa.

MARQUES

Amo-te.

MARIANA (O.S.)

Eu sei.

INT. OFICINA - FIM DE TARDE

Francisco parece um pouco irritado com a interrupção constante.

Lara está super excitada.

LARA

Os Vinegar Joe! A sério?

António olha para o Francisco a tentar perceber o que se passa.

LARA (CONT'D)

Vão ser a banda do futuro. Ainda maiores que os Pink Floyd.

Ela pula de alegria na frente do Francisco.

LARA (CONT'D)

Temos de ir. Vamos. Vamos. Por favor. Por favor com muito muito, muito açúcar.

Francisco desiste.

FRANCISCO

Ok. Vamos.

Ela dá-lhe um beijo nos lábios. Ele mal corresponde. António acha estranho.

LARA

Tenho de ir contar à Sara.

E saí a correr.

Francisco olha para o António.

FRANCISCO

Quem?

ANTÓNIO

Não faço a mínima quem são. Sei que na vila não se fala noutra coisa.

O amigo volta ao trabalho. António suspeita de algo.

ANTÓNIO (CONT'D)

Que raio se passa contigo?

FRANCISCO

Nada.

ANTÓNIO

Algo.

Francisco coloca as ferramentas em cima da bancada.

FRANCISCO

Lembras-te da explosão de há três anos?

ANTÓNIO

Sim?

FRANCISCO

Lembras-te do homem que morreu?

ANTÓNIO

Não.

FRANCISCO

Era o pai da Lara.

António não entende.

INT. HENRY WAS HERE - FIM DE TARDE

Henry retira garrafas vazias ou quase vazias das prateleiras, e coloca garrafas novas. Ele não repara no Fernando a aproximar-se.

Fernando coloca a guia de marcha em cima do balcão. Henry olha para ele um pouco confuso e de seguida para a folha de papel.

Henry repara no nome.

HENRY

Impossível.

FERNANDO

Como explicas isso?

HENRY

Só sei que na segunda tu não
constavas nas listas.

FERNANDO

Segunda? As listas acabaram de
chegar.

HENRY

Não pode. As listas nunca chegam na
sexta, é sempre na segunda.

FERNANDO

Explica-me isso!

HENRY

Posso voltar a falar com o meu pai.

FERNANDO

E isso resolve alguma coisa?

HENRY

Não.

Fernando parece estar nervoso.

HENRY (CONT'D)

Isto revela o desespero do regime.
Caetano e os seus glutões não têm
credibilidade. Estão cada vez mais
isolado. E precisam de carne fresca
para sustentar uma guerra perdida.

Henry enche dois copos de absinto.

FERNANDO

Não podem ir ao talho como as
pessoas normais?

HENRY

Ainda queres um maior talho este?

FERNANDO

Tudo em nome do glorioso império.
(beat) Sabes que despacharam o Abel
e o Mário para Angola?

HENRY

E o Ricardo para a Guiné.

FERNANDO

Cada vez somos menos...

HENRY
Ainda nos vamos encontrar por lá.

FERNANDO
Um coxo?

HENRY
Um coxo.

FERNANDO
O anticristo de acordo com a minha
mãe.

Henry ri. E pega num copo. Fernando pega no outro.

HENRY
O anticristo. Por que não?

E despejam os copos.

FERNANDO
Preferia uma Coca-Cola.

Henry volta a encher os copos.

EXT. CASTELO - NOITE

Francisco e António estão sentados na muralha.

ANTÓNIO
E agora?

FRANCISCO
Não sei. Pela primeira vez estou
apaixonado.

ANTÓNIO
Quem ama sempre alcança.

FRANCISCO
Como? Sou responsável pela morte do
pai dela.

ANTÓNIO
Como? Não estavas lá.

FRANCISCO
Eu montei aquele temporizador
estúpido. Eu sabia que estava
defeituoso.

ANTÓNIO
Quantos?

FRANCISCO
Quantos?

ANTÓNIO
Sim. Montaste quantos?

FRANCISCO
Sete.

ANTÓNIO
Certeza?

Francisco olha para o amigo.

INÍCIO FLASHBACK:

INT. OFICINA - NOITE

Legenda: 1970

Francisco entra na oficina.

ANTÓNIO (V.O.)
Sete ou..?

Francisco repara na falta de um temporizador. Ele está horrorizado enquanto procura o temporizador defeituoso.

FRANCISCO (V.O.)
Na pressa devia ter posto aquele temporizador avariado na mala.

FIM DO FLASHBACK:

EXT. CASTELO - NOITE

ANTÓNIO
Portanto, oito?

Francisco abana tristemente com a cabeça.

FRANCISCO
O resto já sabes.

ANTÓNIO
Não. Não sei.

Francisco olha para ele confuso.

ANTÓNIO (CONT'D)
A única coisa que sei é que destes os temporizadores à resistência.
(MORE)

ANTÓNIO (CONT'D)
 Mas a culpa não é tua. Não
 escolheste o alvo. Não os colocaste
 no carro armadilhado. Não
 escolheste a hora. Foram eles.

FRANCISCO
 Nos olhos dela fui.

ANTÓNIO
 Não fostes. Meu. Há muito tempo que
 não te via assim tão feliz. Meu.
 Segue em frente. Vê onde isto vai
 dar. Sabes como é... o amor
 conquista tudo.

FRANCISCO
 Carpe diem.

ANTÓNIO
 Não conheces outro peixe?

FRANCISCO
 Carpe diem. Tens razão. Tenho de
 falar com ela e ver no que dá.

ANTÓNIO
 Tenho a certeza que não foi isso
 que disse.

FRANCISCO
 Vou ser um homem e contar a
 verdade.

ANTÓNIO
 Evita os assuntos sensíveis.

FRANCISCO
 António. És um tretas.

INT. MOSTEIRO - NOITE

REFEITÓRIO.

Joana e o Abílio, juntamente com os outros atores ensaiam a
 peça: "A Farsa de Inês Pereira" de Gil Vicente. Abílio
 contracena com a Joana. Durante o ensaio Joana está inquieta,
 como se estivesse à procura de alguém que não chega.

ANTÓNIO (V.O.)
 Por acaso viste o Fernando?

Ela está aborrecida.

FRANCISCO (V.O.)
Deve estar com a Joana. A ensaiar.

Joana num tom baixo mas audível...

JOANA
Idiota de merda.

O ENCENADOR (40s) interrompe o ensaio.

ENCENADOR
Não. Não. Não!

E a folhear pelo guião.

ENCENADOR (CONT'D)
Gil Vicente nunca escreveu merda.

JOANA
(irritada)
Pois devia!

E, para o espanto de todos, sai do palco furiosa.

INT. SNACK BAR O GAFA - NOITE

Fernando está sentado ao lado do PAULO FREITAS (30), um amigo e ex-combatente em Moçambique. Perdeu a perna direita, e com o rosto e corpo parcialmente queimado. O braço direito está queimado e paralisado. Ambos estão embriagados.

PAULO
Digo-te meu, aquilo é uma fossa cheia de merda. A sobrevivência do mais apto? Foda-se. A sobrevivência do mais merdoso. É só o que tenho a dizer.

Eles despejam o que resta das duas canecas de cerveja.

FERNANDO
Ricardo. Mais duas.

PAULO
Aquele lugar de merda é um inferno. Muda-te de país, meu. Foge enquanto podes.

O empregado coloca mais duas canecas em frente deles.

PAULO (CONT'D)
 Lá perdes a inocência. A tua alma.
 Tornas-te num assassino de
 inocentes...

Pela expressão no rosto do Fernando as palavras do Paulo começam a afetar a moral do jovem.

INÍCIO DO FLASHBACK:

EXT. MUCUMBURA, MOÇAMBIQUE - DIA

As tropas chegam a Mucumbura, lideradas por elementos da DGS. Entre eles está o Paulo Freitas. Um homem magro, tronco nu, fitas de balas cobrem o corpo e uma metralhadora MG-42.

A situação é tensa entre os militares e a população local assustada.

É um som. Um simples som, e os soldados começam a disparar as suas armas e o inferno cai sobre os aldeões. Eles atiram sobre homens, mulheres, idosos e crianças.

Paulo grita e dispara indiscriminadamente.

Ninguém sobreviveu. Dois MISSIONÁRIOS ESPANHÓIS, escondidos no mato, testemunham o massacre.

Os soldados incendeiam as palhotas.

Reparamos na frieza e indiferença no rosto do Paulo. Os olhos do Paulo e dos soldados parecem não ter alma.

PAULO (V.O.)
 Digo-te meu. A guerra muda-te. Mexe
 com a merda do teu cérebro. Deixas
 de ser humano. Tornas-te numa
 máquina sem um fantasma.

FIM DO FLASHBACK.

INT. SNACK BAR O GAFA - NOITE

Paulo despeja meia caneca.

PAULO
 Não temos o direito. Nem devíamos
 lá estar. Não nos pertence. Não é
 razão... É... uma confusão do
 caraças, pá.

O Adolfo e um JOVEM LOURO (19) da MP, sentem nojo ao ouvir as palavras do Paulo. Adolfo sente a obrigação de lembrar o militar o seu dever.

ADOLFO

E dizes que és um patriota.

Paulo ignora-o.

ADOLFO (CONT'D)

Não passas de um covarde. Um traidor do nosso glorioso Portugal.

Alguns clientes tentam acalmar o Adolfo.

ADOLFO (CONT'D)

Devias ter orgulho em sacrificar-

Sem aviso prévio, Paulo vira-se e agarra o Adolfo pela garganta e empurra-o contra a parede. Os seus dedos apertam cada vez mais a garganta do jovem MP.

PAULO

(furioso)

Queres saber o que é a guerra?

Ele aproxima o rosto do jovem.

PAULO (CONT'D)

Olha bem para a minha cara. Este é o rosto da guerra!

O jovem louro e alguns dos clientes tentam separá-los, mas o Fernando empurra-o para trás.

Paulo aperta ainda mais o pescoço do Adolfo. O jovem começa a sentir falta de ar. Fernando tenta impedir o Paulo de matar o Adolfo.

FERNANDO

Deixa. Ele não vale a pena.

O Paulo, trémulo e ainda furioso, olha para o Fernando que abana a cabeça. O antigo militar larga o Adolfo, que cai no chão como se fosse um boneco feito de palha.

Ele tem dificuldades em respirar. O amigo louro ajuda-o.

Fernando puxa o Paulo para fora do estabelecimento.

ADOLFO

És um covarde. Covarde!

Os dois ignoram o MP.

EXT. SNACK BAR O GAFA - NOITE

Os dois homens nem reparam na chuva que cai.

PAULO

Já nem somos humanos, apenas
máquinas sem um fantasma.

Paulo tenta acender um charro. À segunda tentativa desiste.

EXT. RUA DO PALÁCIO DA JUSTIÇA - NOITE

Os dois homens embriagados descem a rua a praguejar. Fernando tira debaixo da T-shirt uma garrafa de vodka roubada ao bar.

Com um sorriso de satisfação, Paulo dá umas palmadinhas no ombro do amigo, enquanto partilham a garrafa.

Bastante embriagados descem a rua a cantar o hino nacional mal e desafinado, especialmente no refrão "as armas".

INT. MOSTEIRO - NOITE

REFEITÓRIO.

Com o ensaio dado por acabado e todos preparados para ir para casa, uma Joana soturna está sentada num banco, quando o Abílio se aproxima dela.

ABÍLIO

Ele não vem. É melhor apanharmos
boleia e evitar a chuva. O
Gonçalves disse que nos leva a
casa.

Ela olha para o Abílio, pega na mala e segue o colega em silêncio.

EXT. MOSTEIRO - NOITE

Na frente do mosteiro, Fernando despeja a garrafa, pragueja em voz alta e atira a garrafa contra a porta do mosteiro e cambaleia na escuridão da noite.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

Já é bastante tarde. O Francisco e o António bebem umas colas enquanto Henry bebe o seu uísque preferido no meio de umas gargalhadas.

A Joana rompe pela sala dentro preocupada.

JOANA
Viram o Fernando?

ANTÓNIO
Não.

FRANCISCO
Aliás ninguém o vê a algum tempo.

JOANA
Estranho?

HENRY
Estranho?

JOANA
Ele disse que aparecia no ensaio
esta noite.

ANTÓNIO
O Fernando? Conhecendo bem o
animal, deve estar a festejar
algures.

FRANCISCO
Acabou por não ser chamado.

JOANA
Pode ser..?

FRANCISCO
Sim deve ser isso. (beat) Espera.
Porque é que ele não festejaria
connosco?

ANTÓNIO
Pois... Somos os melhores amigos
dele, não somos?

HENRY
Não sabem? O Fernando foi
convocado.

Os outros três...

OS TRÊS
O quê?

JOANA
Quando é que isso aconteceu?

HENRY
Pensei que soubessem?

FRANCISCO
Mas ele estava safo.

HENRY
Chegaram novas listas a meio da
semana.

Todos olham para o Henry com um ar estupefato.

ANTÓNIO
Mas as listas não chegam sempre na
segunda de manhã?

HENRY
Às vezes.

ANTÓNIO
E assim dar tempo aos voluntários
aleatoriamente obrigados a pôr os
assuntos em dia antes de rebentar-

E perante o olhar furioso dos outros cala-se.

ANTÓNIO (CONT'D)
É melhor irmos-

LARA (O.S.)
Olá malta fixe.

Ela junta-se ao grupo. Ela beija o Francisco.

Lara fica espantada com o silêncio na sala.

LARA (CONT'D)
Bem já vi caras mais alegres num
funeral.

FRANCISCO
Não sabemos onde anda o Fernando.

LARA
Acabei de o ver há uns dez ou
quinze minutos atrás.

JOANA
Dez ou quinze?

INÍCIO FLASHBACK:

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Legenda: DEZ MINUTOS ATRÁS.

Fernando cambaleia pela chuva. É um rosto de um homem em dor.

Ao virar da esquina, ele quase esbarra contra a Lara. Ela solta um grito de susto.

Ela reconhece o Fernando. Ele não reconhece a jovem. O olhar do Fernando é a de um homem condenado.

LARA
F-Fernando?

Ele tenta aproximar-se, mas a jovem assustada recua.

LARA (CONT'D)
Está tudo...

Quando ela se aproxima, ele foge.

LARA (V.O.)
Ele estava bêbedo. Quer dizer
mesmo, mesmo bêbedo. Estava fora...

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

LARA
...de si. Um louco. Iuu... ele
cheirava mesmo a... cavalo morto.

Joana agarra Lara pelos ombros.

JOANA
Sabes para onde ia?

LARA
Pelo que vi, acho que ia para casa.

Todos suspiram de alívio.

JOANA
Achas ou ia?

Lara encolhe os ombros.

JOANA (CONT'D)
(irritada)
Quero ouvir o que aquele idiota tem
para dizer.

FRANCISCO
Espera aí. Vamos contigo.

ANTÓNIO
Para quê? Acho que conseguimos lidar com um idiota bêbedo.

A Joana deita-lhe um olhar irritado.

Henry puxa de um chapéu de cowboy, de uma espingarda de plástico que esconde debaixo do balcão.

HENRY
Vão. Eu fico aqui a guardar o saloon.

A Joana e o António saem a discutir...

JOANA
Só eu é que lhe posso chamar de idiota, está bem?

ANTÓNIO
Não disse nada sobre o idiota.

JOANA (O.S.)
Acabaste de o dizer.

Henry, Lara e Francisco ficam a ver os dois a sair.

FRANCISCO
Se precisarem de ajuda gritem.

Lara vira-se para o Henry.

LARA
Então os Vinegar Joe?

HENRY
Estão confirmados para o final do mês. Eu reservo-te um lugar.

E olha para o Francisco.

HENRY (CONT'D)
Ele... não sei?

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

A chuva continua. Um Fernando embriagado dá de caras com um grupo de MPs. Ele ignora-os e procura seguir o seu caminho, mas o grupo impede a passagem.

Fernando tenta empurrar os jovens. Eles resistem.

FERNANDO
Ou saem ou parto-lhes a tromba.

Eles mantêm as posições.

FERNANDO (CONT'D)
(furioso)
Mato-os a todos!

De repente ele ouve palmas na chuva. Os MPs abrem fila e Adolfo com um largo sorriso cínico aproxima-se.

ADOLFO
O grande herói da guerra.

Adolfo para de bater palmas. O grupo cerca o jovem.

ADOLFO (CONT'D)
Nando. O conquistador. O homem que vai trazer o orgulho de volta a Portugal e ao nosso glorioso regime. E matar os escarumbas todos.

Adolfo está por trás do Fernando.

ADOLFO (CONT'D)
Acho que a Joana não vai gostar-

FERNANDO
Cala essa boca ou-

ADOLFO
Obrigas-me? Arrancas-me a língua?
(beat) Acho que a Joana também não vai gostar disso.

Ele solta um gargalhada.

Fernando tenta agredir o Adolfo, mas os amigos seguram-no. O jovem ainda tenta libertar-se, mas o grupo consegue segurar um Fernando embriagado.

Adolfo com um sorriso malévolo.

ADOLFO (CONT'D)
Eu e a Joana vamos ser felizes.

O jovem tenta libertar-se das garra dos MPs.

ADOLFO (CONT'D)

Nem imaginas o que vamos fazer. Ela vai esquecer o teu nome. Fernando quem?

Adolfo dá um murro no estomago do Fernando com toda a sua força.

O Fernando vomita tudo cá para fora. Ele cai de joelhos.

ADOLFO (CONT'D)

(irritado)

Cabrão.

Quando repara que o Fernando vomitou sobre ele.

Os MPs riem.

O jovem louro, escondido este tempo todo dá um pontapé no rosto do Fernando. Este cai para o chão.

Os MPs ajudam-no a levantar.

O jovem louro saca de uma faca de mato. Ele exhibe a arma em frente do Fernando. Sorri. Encosta a arma ao lado esquerdo do rosto do Fernando. É com um certo prazer de sadismo, desliza a lamina da testa ao queixo do jovem.

Um fio de sangue começa a escorrer pelo rosto do Fernando.

O jovem cheio de raiva tenta libertar-se do grupo. As suas forças falham.

Adolfo dá um soco forte no rosto do jovem, que imediatamente cai no chão. O grupo, como uma matilha de cães selvagens, ponteiem-no até este parar de mexer.

Com um pontapé final do Adolfo. O grupo vai-se embora.

Fernando deitado no chão, sangue no rosto, olhos abertos, sem conseguir mexer-se. Ele fecha os olhos.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - NOITE

Lara e Francisco, bem aconchegados debaixo do guarda-chuva, caminham lentamente pela chuva. Lara está um pouco excitada.

LARA

Nem quero acreditar. Os Vinegar Joe. Aqui.

E sobre a expressão confusa do namorado.

LARA (CONT'D)
Que foi?

O jovem um pouco embaraçado...

FRANCISCO
Quem são os Vinegar Joe?

LARA
A banda da nossa geração.

FRANCISCO
Como os Rolling Stones?

A jovem para.

LARA
O que se passa? Não gostas da
música moderna?

FRANCISCO
Prefiro os clássicos?

Ela beija o namorado.

LARA
Não vais cantar novamente? (beat) O
meu jovem namorado agarrado aos
musicais clássicos.
(e em inglês)
My old-fashioned boy.

Eles beijam-se novamente.

EXT. HENRY WAS HERE - NOITE

Henry está junto da porta a ver a chuva a cair. Abílio chega.
Ambos olham à sua volta. Nada, exceto a chuva. E entram.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

Henry e Abílio beijam-se.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Joana procura o Fernando na chuva.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Um António encharcado pergunta a um casal se viram o Fernando. Estes não viram ninguém. Não é suposto ouvirmos o diálogo. António começa a ficar preocupado.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Joana está desesperada.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

Francisco para de beijar a Lara. Ele parece um pouco confuso.

FRANCISCO
Disseste namorado?

LARA
Disse?

E ela aproxima-se para o beijar novamente.

LARA (CONT'D)
Não me lembro.

Mas ele impede-a. A jovem frustrada...

LARA (CONT'D)
Que foi agora?

Francisco olha para ela resolutamente.

FRANCISCO
Precisamos de falar. (beat) Mas não aqui.

Uma expressão de curiosidade no rosto dela.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

QUARTO.

No quarto dos fundos Abílio e Henry beijam-se.

EXT. RUAS DE ALCOBAÇA - NOITE

A Joana repara num vulto caído na estrada. Mesmo debaixo da chuva ela reconhece o Fernando. Ela corre para ele e cai de joelhos ao lado do namorado ferido.

JOANA
Nando! Nando!

Quando ela o abraça repara no sangue a escorrer do rosto.

JOANA (CONT'D)
António! Encontrei-o! Aqui!

Ela segura o Fernando junto do corpo em lágrimas.

JOANA (CONT'D)
António!

António chega. Ele olha para a imagem de Joana e o corpo espancado do amigo.

ANTÓNIO
Adolfo?

JOANA
Adolfo.

INT. SEDE DOS MPS - NOITE

Adolfo aparece com uma grade cervejas que distribuiu pelos companheiros. Cada um com uma garrafa de cerveja, e fazem a saudação nazi à fotografia de Salazar...

ADOLFO
Quem vive!?

TODOS
Portugal! Portugal! Portugal!

ADOLFO
Quem manda!?

TODOS
Salazar! Salazar! Salazar!

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - NOITE

Joana e António tentam reanimar o Fernando. O jovem recupera a sua consciência lentamente.

JOANA
É melhor levar o Fernando para o hospital.

ANTÓNIO
O hospital ainda é longe daqui. Mas os bombeiros ficam a um-

JOANA
Eles não vêm.

António não compreende.

JOANA (CONT'D)
Estão fechados. Fecham sempre à
noite.

Fernando diz palavras sem nexos. Eles levantam-no. Joana tenta limpar o sangue do rosto, e repara no corte ao longo do rosto. António também repara.

ANTÓNIO
Aposto que foi aquele nazi louro.

JOANA
Parvos.

Fernando não reconhece a namorada nem o amigo. Ele está fora de si. Ferido e cansado ele afasta os outros dois, insulta-os e foge.

Nem a Joana nem o António acreditam no que aconteceu.

A Joana vira-se para o António...

JOANA (CONT'D)
Temos de ir atrás dele.

Ela é impedida pelo António.

ANTÓNIO
Não. Ele precisa de resolver isto.

INT. CASA SECRETA PENICHE - NOITE

SALA.

Com as cortinas corridas e as luzes baixas numa sala pequena está a decorrer uma reunião secreta dos vários grupos de resistência ao regime.

Os participantes estão sentados à volta de uma mesa redonda.

O Marques é quem lidera a reunião. Ele levanta-se e olha cada um dos participantes.

MARQUES

Camaradas. Com os nossos líderes exilados e aqueles que protestam contra o regime presos e torturados, vamos ter de fazer escolhas mais radicais para criamos as condições para a democracia em Portugal. Individualmente não somos nada. Unidos podemos ser um força.

RESISTENTE 1

Como? Somos pequenos grupos que lutam nas sombras. Cada um de nós tem uma visão diferente como derrubar o regime. E construir essa democracia.

MARQUES

Está na altura de pormos de lado essa visão e focar numa única.
(beat) Todos ouvimos os rumores do descontentamento dos militares dos quadros permanentes, sobre o congresso de Aveiro.

RESISTENTE 2

Está a dizer que devemos trazer os militares para o movimento?

MARQUES

Não temos escolha. Os militares estão descontentes com a guerra. E têm os meios. Todos sabemos que a Guiné é uma causa perdida. As outras províncias não tardam em cair. Mas Caetano insiste em lutar. As famílias destruídas não são as dele e dos privilegiados, mas sim dos nossos filhos e dos não privilegiados. Portugal tem de ser uma democracia de liberdade, igualdade e justiça. Caso contrário vamos perder o nosso lugar na História.

Todos olham admirados para o Marques.

EXT. CASA SECRETA PENICHE - NOITE

Marques e mais dois homens falam.

RESISTENTE 1
 Discurso interessante. Achas mesmo
 que os militares-

MARQUES
 Nem eles nem nós temos outra
 escolha.

RESISTENTE 1
 Politizar os militares.

MARQUES
 Infelizmente.

RESISTENTE 3
 Só não entendo, porque escolheste
 Peniche?

MARQUES
 Simples. Um símbolo. É no forte de
 Peniche que muitos dos nossos
 camaradas estão presos.

Cada um dos três homens segue o seu caminho.

EXT. RUA EM PENICHE - NOITE

O Marques aperta na gabardina na esperança de evitar uma
 molha, e dirige-se rapidamente para o carro.

DOIS HOMENS, nos seus quarenta, aproximam-se por detrás dele
 rapidamente. Um dos homens saca de um lenço encharcado em
 clorofórmio, e coloca-o sobre a boca e o nariz de Marques.
 Este ainda resiste por uns segundos antes de perder os
 sentidos.

O segundo homem segura o Marques. Ambos arrastam o homem para
 uma carrinha do outro lado da rua e desaparecem na noite
 chuvosa.

INT. CASA DA MARIANA - NOITE

SALA.

A Mariana está junto à lareira a ler um livro de Emile Zola,
 quando a campainha toca. Ela estranha e olha para o relógio.
 São três da manhã.

HALL DE ENTRADA.

Ela abre a porta e olha para um António todo encharcado. Ela
 ri. Eles beijam-se. António fecha a porta com o pé.

QUARTO.

Mariana e António, suados, estão deitados de costas. O jovem amante olha para o teto. Ela aconchega-se a ele.

ANTÓNIO
Que fazias, sei lá, quando tinhas
dezoito anos?

MARIANA
Sabes que uma senhora nunca fala do
passado.

António olha para ela com um olhar de cachorrinho. Ela ri.

MARIANA (CONT'D)
Acabar o liceu e apaixonar-me por
um homem mais velho e simpático.

ANTÓNIO
Soubeste logo que era ele?

MARIANA
Sim.

ANTÓNIO
Como?

MARIANA
Tinha aquele ar de je ne sais quoi.
(beat) Perigo e ternura.

António sorri.

ANTÓNIO
E ser líder da resistência...

Mariana esboça um sorriso nos lábios.

MARIANA
Não. Naquela época era um simples
professor de literatura clássica.

ANTÓNIO
O que mudou?

MARIANA
Ser preso. Torturado. Ver os
camaradas morrer.

ANTÓNIO
O fascismo tem de morrer.

MARIANA
Fascismo nunca mais.

Eles beijam-se.

MARIANA (CONT'D)
Aposto que tu vais ser o próximo
Pablo Neruda.

ANTÓNIO
Não sei. Nunca foi lá-

Eles voltam a fazer sexo.

INT. OFICINA - NOITE

A sineta por cima da porta da oficina toca. Francisco e Lara,
completamente encharcados, fogem à chuva.

Francisco repara nas batas penduradas no bengaleiro.

FRANCISCO
O melhor é despir a roupa molhada e
vestir uma destas batas.

LARA
Só depois de um jantar e um
espetáculo.
(e ri)
Meu deus. Sempre quis dizer isso.

Ele passa-lhe uma das batas.

Enquanto Francisco despe a roupa molhada e veste uma das
batas, a Lara está nua.

LARA (CONT'D)
O que querias dizer?

O jovem olha para ela sem saber o que dizer. Eles estão cada
vez mais próximos e beijam apaixonadamente.

Em off: ouvimos umas pancadas fortes numa porta que dura para
além das seguintes cenas.

EXT. CASTELO - NOITE

Joana sentada na muralha a olhar para a noite.

EXT. RUAS DE ALCobaça - NOITE

Fernando cambaleia pela chuva.

INT. CASA DA MARIANA - NOITE

Mariana e António fazem amor.

INT. OFICINA - NOITE

Francisco e Lara no êxtase do momento.

EXT. HENRY WAS HERE - NOITE

Fernando caído frente da porta.

INT. ARMAZÉM ABANDONADO - NOITE

Marques sentado e amarrado a uma cadeira. Um capuz cobre o rosto.

INT. HENRY WAS HERE - NOITE

QUARTO.

Henry acorda ao som das pancadas na porta. Ele estranha.

HENRY

O padeiro? A esta hora?

O jovem levanta-se da cama. O Abílio ainda dorme tranquilamente. Henry sorri e veste um roupão. Calça uns chinelos e sai do quarto.

As pancadas na porta terminam aqui.

ESCADAS.

Henry desce as escadas.

HENRY (CONT'D)

Já para não falar nesta chuva.

SALÃO.

Em passo apressado dirige-se para a porta de entrada.

ENTRADA.

Henry abre a porta. A chuva ainda continua intensa. Ele repara no Fernando desmaiado junto da porta.

Com alguma dificuldade ele arrasta o amigo para dentro e fecha a porta.

Ele olha para o amigo no chão.

HENRY (CONT'D)
(desabafo)
Nando. Nando. No que é que te meteste agora?

O Abílio vai ter com o namorado.

ABÍLIO
Acho melhor levá-lo ao hospital. Eu telefono ao teu pai.

Henry deita um olhar irritado ao namorado.

HENRY
Ajuda-me.

Entre os dois eles colocam o Fernando num dos sofás.

ABÍLIO
Não é melhor chamar o 112?

HENRY
De noite? Deixa estar. Trás uma bacia com água quente, panos e roupas secas.

Ele está preocupado com o amigo.

HENRY (CONT'D)
És mesmo parvo.

EXT. CASTELO - DIA

O sol nasce por detrás da Serra dos Candeeiros.

Joana está de pé na muralha. Ela ainda tem esperança em encontrar o Fernando.

INT. CASA DA MARIANA - DIA

QUARTO.

Antônio e Mariana dormem aconchegados. Pancadas na porta despertam a mulher. Ela senta-se na cama preocupada. Ela repara na luz a entrar pela janela.

Ela acorda o Antônio.

MARIANA

Oh. Meu Deus. Que horas são. O meu marido.

E empurra um sonolento Antônio para fora da cama.

Mais pancadas na porta.

MARIANA (CONT'D)

Esconde-te debaixo da cama. Depressa.

Ela veste o roupão.

ESCADAS.

Ela desce as escadas.

HALL DE ENTRADA.

Ela abre a porta, e dá de caras com DOIS HOMENS da resistência, com um ar de tristeza.

A Mariana sente imediatamente que algo terrível aconteceu ao marido.

MARIANA (CONT'D)

Quando?

HOMEM 1

A seguir à reunião.

HOMEM 2

Temos homens no terreno a procurar.

HOMEM 1

Eles não o vão matar. Ainda não-

O olhar de raiva da mulher cala o homem. Ela fecha a porta na cara deles.

ESCADAS.

Antônio ouve a conversa.

HALL ENTRADA.

A Mariana dirige-se para a sala.

SALA.

Ela senta-se no cadeirão do marido e olha para a lareira. Lágrimas correm pelo rosto. Ela chora em silêncio.

Antônio aproxima-se silenciosamente da Mariana. Ele coloca uma mão reconfortante no ombro dela.

ANTÔNIO

Precisas de al-

Ela nem dá pela presença dele.

Sem saber o que fazer ou dizer, ele acaba por ir embora.

INT. ARMAZÉM ABANDONADO - DIA

Um HOMEM FORTE remove o capuz da cabeça do Marques.

A visão do Marques é de um mundo embaciado e desfocado. Podemos ver marcas de tortura no rosto do homem da resistência.

Marques encontra-se nu e amarrado numa cadeira de ferro.

O homem forte é o sorriso em pessoa. Um sorriso sádico, mas um sorriso na mesma.

HOMEM FORTE

Bom dia dorminhoco. Ainda por cima
hoje está um belo dia de sol.
(beat) Para alguns.

O riso dele ainda é mais sinistro que o sorriso.

A visão do Marques parece melhorar aos poucos. A situação dele não. A batalha contra as cordas é inútil.

Ele repara num SEGUNDO HOMEM MAGRO, a aproximar-se com cabos de arranque de automóveis. As pinças dos cabos tocam e soltam faíscas. O sorriso macabro do homem.

A visão do Marques começa a escurecer e um grito de dor ensurdecedor, quando as pinças tocam no corpo dele.

Marques desmaia.

HOMEM FORTE (CONT'D)

Para um membro da resistência, ele
não parece ser lá muito resistente.

Os dois homens soltam umas gargalhadas de satisfação.

INT. OFICINA - DIA

Ouvimos a sineta por cima da porta tocar.

Francisco acorda assustado, levanta-se e enrola um lençol à volta do corpo. A Lara dorme tranquilamente.

Embaraçado, o jovem enfrenta a Mãe.

FRANCISCO
Mãe? O que faz aqui?

Ela repara na Lara.

MÃE DO FRANCISCO
O pequeno almoço... mas...

Lara levanta-se e igualmente embaraçada e sorridente.

LARA
Olá.

FRANCISCO
Mãe. Eu posso explicar. A chuva-

A mãe olha para ambos com um misto de desapontamento e alguma alegria.

MÃE DO FRANCISCO
Vá. Vistam-se. Eu preparo o pequeno almoço. Devem estar esfomeados depois de toda... aquela... chuva.

FRANCISCO
A roupa ainda está molhada.

MÃE DO FRANCISCO
Vá. Vão para dentro. Além disso é domingo. Ninguém se levanta cedo num domingo.

Enquanto os jovens saem a mãe pega nas roupas molhadas.

EXT. HENRY WAS HERE - DIA

O Fernando recupera lentamente a consciência.

HENRY
Ha... Ele vive. Ele vive.

Henry usa a expressão e gestos do filme clássico Frankenstein.

Fernando ainda está um pouco zozinho e sem humor.

FERNANDO

O que aconteceu? Como cheguei aqui?

HENRY

Se tivesse de adivinhar. Diria um tal Adolfo e o seu cão de fila Alemão. Come chegaste? Não faço a mínima.

Fernando toca no lado esquerdo no rosto. Ainda está doloroso.

HENRY (CONT'D)

Não precisas de agradecer. Devia ter ido para medicina. Mas vai deixar uma cicatriz.

Henry inspeciona o trabalho dele quando Abílio chega com um tabuleiro de torradas e um copo de leite.

HENRY (CONT'D)

Come. É só o que temos. Sorry.

EXT. CASA DO FERNANDO - DIA

Joana bate à porta da casa do Fernando. A roupa dela ainda está molhada da noite anterior.

A MÃE DO FERNANDO (50s) abre a porta, com um largo sorriso ao reconhecer a Joana e com uma grande caneca de café quente.

MÃE DO FERNANDO

Ah. Querida entra.

E ao reparar nas roupas húmidas da jovem.

MÃE DO FERNANDO (CONT'D)

Eu preparo-te um caneca do meu café especial.

JOANA

Obrigada. Só preciso de falar com o Nando.

MÃE DO FERNANDO

Pensando bem, ainda não o vi hoje. Nem ele nem o meu marido. De certeza não queres um cafezinho. É-

JOANA

Especial. Sim eu sei. O Fernando?

MÃE DO FERNANDO

Umm. Devem ter ido para Rio Maior caçar aquele leão fugido. Só se fala disso na rádio. Sabes que o meu marido gosta de caçar.

JOANA

Mas o Fernando não...
(muda de assunto)
Ainda acreditam nessas coisas?

MÃE DO FERNANDO

Ainda bem. Ah. O silêncio... com aqueles dois sempre a discutir, espero que a seguir andem à procura de um elefante.

INT. HENRY WAS HERE - DIA

HENRY

O padeiro ainda não chegou.

Fernando não tem fome. Ele afasta o tabuleiro.

HENRY (CONT'D)

Pelo menos bebe o copo de leite.

O jovem bebe o leite.

HENRY (CONT'D)

Deixa-me adivinhar. Encontraste o Adolfo e os seus gorilas.

FERNANDO

Não sei. Só estava a beber um copo com o Pires e fumar uma ganza. Juro. É só o que me lembro.

Henry olha um bocado desconfiado para o amigo.

FERNANDO (CONT'D)

O quê?

Fernando começa a ficar irritado e com alguma dificuldade levanta-se. Ele recusa a ajuda do amigo.

FERNANDO (CONT'D)

Bolas. Já pareces da PIDE.

HENRY

Não disse nada.

FERNANDO

Ainda sou livre. Somos livres.

HENRY

Não. Não somos. Esse é o problema. Não somos livres. Não podes ir por aí dizer: olha sou comunista ou socialista ou... sou maricas.

FERNANDO

Sabes muito bem que não é isso-

HENRY

Não. Não sei. O teu melhor amigo está ligado à resistência.

FERNANDO

Estava.

HENRY

E está. Apesar de ainda o não saber. O Francisco é comunista, eu sou homossexual e o António é... sei lá. O que for. Podes conseguir o teu cartão de livre trânsito. Só tens de nos entregar à PIDE. Porque não o fazes?

Fernando olha para o Henry confuso. Henry tem um olhar determinado. Existe um longo silêncio entre eles.

FERNANDO

Como sabes que não o vou fazer?

Após um longo e tenso silêncio.

FERNANDO (CONT'D)

Tenho medo... Não quero perder a minha alma...

INT. CASA DO FRANCISCO - DIA

COZINHA.

Os ponteiros do relógio da parede caminham lentamente.

Lara ainda continua um pouco embaraçada enquanto dá uma vista olhos pela a cozinha.

A mãe do Francisco junto do fogão prepara o pequeno almoço.

Com a bata branca vestido, Francisco sorri para a Lara. Ela devolve-lhe o sorriso.

A mãe do Francisco traz o pequeno almoço: café, pão quente e dois pratos com ovos mexidos, e uma embalagem de marmelada caseira.

Ela senta-se entre o Francisco e a Lara. O ambiente é um pouco tenso.

MÃE DO FRANCISCO
Então...

LARA
Lara.

Ela deita um olhar intimidador ao filho.

MÃE DO FRANCISCO
Lara?

E de seguida para a jovem.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)
Parece que, o meu filho, esconde segredos.

LARA
Pois...

MÃE DO FRANCISCO
Pois. Não a conheço de alguma lado?

FRANCISCO
Mãe? Importa-se-

LARA
Tudo bem. Lara Duarte. Muito prazer.

MÃE DO FRANCISCO
Prazer.

FRANCISCO
Ok, mãe. Introduções feitas. Pode ir ver se a roupas-

LARA
Somos de Lisboa, mas a família da minha mãe tem raízes aqui.

MÃE DO FRANCISCO
Conheço-os?

LARA
O Ezequiel Lima? Da Vestiaria. Das maçãs.

MÃE DO FRANCISCO
Esses não são-

LARA
Há três anos, o meu pai foi morto
num atentado terrorista em Lisboa.

FRANCISCO
Mãe? Podemos falar.

MÃE DO FRANCISCO
Estamos a falar.

Ele acena com a cabeça para irem para a sala do fundo.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)
Os jovens de hoje são tão tímidos.
Desculpe. É só um momento.

SALA DOS FUNDOS.

A sala é pequena. Uma espécie de aquecedor e ventoinha secam
a roupa da Lara. A ventoinha é um pouco barulhenta.

COZINHA.

Lara coloca marmelada no pão e saboreia-a com prazer.

SALA DOS FUNDOS.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)
Estás louco?

FRANCISCO
Eu não sabia. Acredite. Mãe, por
favor, não diga nada. Eu gosto
mesmo, mesmo dela.

MÃE DO FRANCISCO
Ela sabe?

FRANCISCO
Não.

MÃE DO FRANCISCO
E quando souber?

FRANCISCO
Não sei. Juro que vou falar com
ela. Mas mãe, por favor, agora não.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - DIA

Joana encontra o António no rossio.

JOANA
Não o encontraste?

ANTÓNIO
Não.

JOANA
Procuraste?

ANTÓNIO
Não.

JOANA
Falaste com o Henry?

ANTÓNIO
A esta hora?

Joana está cada vez mais preocupada.

JOANA
Ah. Pois... Também não deu entrada
no hospital.

Ela repara na tristeza do António.

JOANA (CONT'D)
Estás bem?

ANTÓNIO
O Marques. Acho que foi morto pela
PIDE.

A jovem nem quer acreditar.

INT. HENRY WAS HERE - DIA

SALA.

Fernando aproxima-se do Henry assustado.

FERNANDO
N-Não quero ir para a guerra. Não
quero acabar como o Freitas - uma
máquina sem fantasma. A vida é
preciosa. A guerra nunca é uma
solução. Matar em nome da pátria.
(MORE)

FERNANDO (CONT'D)
 Matar para que o regime tenha
 orgulho do passado. Um passado de
 sangue... de mortes... e mentiras.

HENRY
 Impérios erguem-se e caem. Sempre
 foi assim. Sempre será assim.

ABÍLIO
 Da forma como as coisas andam... o
 regime não vai durar muito mais
 tempo.

Fernando senta-se num dos sofás.

FERNANDO
 E o que vai acontecer à Joana? As
 nossas discussões? O que vai ser
 dela sem as nossas discussões
 habituais?

Abílio tenta dizer algo mas o olhar do Henry cala o jovem.

HENRY
 As pessoas regressam... Olha para o
 Raul e o Marco.

FERNANDO
 Eles não voltaram. A máquina
 voltou. O fantasma não. (beat) São
 eles o meu futuro... ou o Freitas?
 (beat) Uma máquina sem fantasma ou
 um fantasma sem máquina?

O silêncio instala-se.

INT. CASA DO FRANCISCO - DIA

COZINHA.

Francisco e a mãe entram na cozinha. As roupas da Lara estão
 enxutas.

MÃE DO FRANCISCO
 Aqui tens querida. Roupa seca e
 quentinha.

LARA
 (espantada)
 Ahh... estão mesmo muito macias...
 hmm... e ainda quentinhas...

MÃE DO FRANCISCO
 Podes mudar no meu quarto. Segunda
 porta à esquerda.

LARA
 A sua máquina de secar deve ser-

MÃE DO FRANCISCO
 Uma invenção do meu marido. É um
 engenhocas. E pelos vistos este vai
 pelo mesmo caminho.

Lara oferece ao Francisco um sorriso.

LARA
 Acho que vou pedir à minha-

FRANCISCO
 (interrompendo)
 Não vai ser possível.

Mãe deita um olhar estranho ao filho.

FRANCISCO (CONT'D)
 (a mentir)
 Ele... Ele está França. Sim.
 Imigrou para França.

A mãe está confusa.

MÃE DO FRANCISCO
 Têm de desculpar o meu filho.

E com um olhar irritado com o filho.

MÃE DO FRANCISCO (CONT'D)
 Ele por vezes consegue ser mesmo
 parvo.

Lara com um riso concordante.

LARA
 Já tinha reparado nisso.

A jovem pega nas roupas e...

CORREDOR.

...desce o corredor. Ela espreita na primeira porta à
 direita. É o quarto do Francisco.

QUARTO DO FRANCISCO.

É um quarto pequeno típico de um rapaz. Revistas de engenharia electrónica, livros e algumas montagens electrónicas espalhadas pelo chão. Ela acha graça.

CORREDOR.

Ela continua pelo corredor e entra no quarto da mãe do Francisco.

MÃE DO FRANCISCO (O.S.)
Xico. Tenho de ir a casa da tia
Rosinha. Volto já.

INT. HENRY WAS HERE - DIA

SALA.

Abílio satisfeito com a sua ideia.

ABÍLIO
O Marques.

HENRY
Que tem o Marques?

ABÍLIO
Ele pode ajudar. Ele tem contatos.

HENRY
É uma hipótese.

E para o Fernando.

HENRY (CONT'D)
Que achas?

Fernando encosta a cabeça na mesa. Com os braços cobre a cabeça.

HENRY (CONT'D)
Nando?

O jovem acaba por abanar a cabeça. Os dois amigos estão surpreendidos.

INT. CASA DO FRANCISCO - DIA

COZINHA.

Francisco come qualquer coisa. Ele não tem muita fome.

O jovem estranha a demora da Lara. Ele olha para o relógio.

FRANCISCO

Lara?

Silêncio.

FRANCISCO (CONT'D)

Lara? Estás-

Mais silêncio. Desconfiado ele levanta-se vai até o corredor.

CORREDOR.

Ele para junto a porta do quarto da mãe. Ele não ouve barulho. Bate levemente.

FRANCISCO (CONT'D)

Lara.

Não há resposta.

Estranho. Ele abre lentamente a porta. O quarto está vazio. A janela está aberta. Lara sumiu.

O rosto do jovem fica pálido. Ele apanha a fotografia do pai deixada do chão, olha para a janela, enquanto uma onda de desespero cai sobre ele.

EXT. LARGO DA CÂMARA MUNICIPAL - DIA

Joana encontra a irmã com um grupo de estudantes e jovem trabalhadores a protestarem contra a guerra e a pedir a demissão da junta governativa. Eles dirigem-se para a Câmara.

O protesto, apesar de proibido, ainda junto um grande número de opositores.

PROTESTANTES

Fascismo nunca mais!

OUTROS PROTESTANTES

Sim à paz! Não à guerra!

Do lado oposto, uma GNR armada e equipada para lidar com manifestantes. O Adolfo e os outros MPs mais velhos também encontram-se junto da polícia.

Joana repara nos elementos da PIDE/DGS a conversarem com o CHEFE DA GNR (50s) com aspecto de bulldog.

Ela dirige-se à irmã.

JOANA

Viste o Nando?

SÍLVIA

Porquê?

E entrega uma bandeira dos manifestantes à irmã.

SÍLVIA (CONT'D)

Essas são as roupas de ontem?

JOANA

Não consigo encontrá-lo.

SÍLVIA

Deve andar por aí bêbedo com os outros dois idiotas.

JOANA

O número dele chegou.

SÍLVIA

Lamento. Mas isso é problema vosso.

Os manifestantes param em frente da GNR e começam a cantar a "Mudam-se os Tempos, Mudam-se as Vontade".

O ambiente é de cortar à faca.

O Sargento da PSP e um AGENTE DA PSP (40) estão cada mais apreensivos, especialmente quando reparam nos agentes da PIDE a espalharem-se e a chegar mais reforços da GNR das Caldas da Rainha.

SARGENTO SILVA

Isto não vai acabar bem.

AGENTE DA PSP

Não devíamos fazer algo?

O Sargento repara nos jornalistas e fotógrafos.

SARGENTO SILVA

O problema não é nosso.

Enquanto elementos da PIDE procuram uma razão para acabar com a manifestação, os manifestantes, têm mantido uma posição pacífica. Barulhentos mas serenos.

INT. MOSTEIRO - DIA

CLAUSTRO.

Mariana e António andam lentamente em silêncio pelo jardim. A Mariana perturbada e com o António a suspeitar de algo terrível na vida deles.

E sem rodeios...

MARIANA
Vou-me embora.

A suspeita confirma-se.

MARIANA (CONT'D)
Desculpa. N-Não posso... não posso
continuar assim.

Com um olhar de ternura, ela coloca a mão no rosto dele.

MARIANA (CONT'D)
Amo-te...

Antônio com as palavras presas na garganta não diz nada.

MARIANA (CONT'D)
Amo-te... (beat) Mas também amo o
meu marido.

INÍCIO DO FLASHBACK:

INT. CASA DA MARIANA - DIA

LEGENDA: Duas horas antes.

HALL DE ENTRADA.

Fortes pancadas na porta. Mariana abre a porta. DOIS HOMENS DA RESISTÊNCIA, seguram o Marques. Ele está ferido, sinais de tortura e provavelmente algumas fraturas.

Ela ajuda a levar o marido para dentro de casa. Deitam-no sofá. Mariana vai até à casa de banho buscar o estojo de primeiros socorros.

Enquanto a mulher limpa as feridas, o Marques sorri...

MARQUES
Não lhes disse nada. Nada... Ai.

A dor é demasiada forte.

Um dos homens puxa a Mariana para o lado.

HOMEM RESISTÊNCIA
Vão ter de ir embora. É perigoso
ele ficar. Para ambos. Agora que
sabem quem ele é.

FIM DO FLASHBACK:

INT. MOSTEIRO - DIA

CLAUSTRO.

A Mariana vira-lhe as costas. Lágrimas nos olhos.

MARIANA

Tu certamente vais encontrar alguém
que possa ser tudo aquilo que não
posso ser.

Ela limpa as lágrimas.

MARIANA (CONT'D)

Sei que vais ser feliz. (beat) Ele
precisa de mim. Eu não... Ele
precisa de mim... mais...

O António está em conflito.

Ela enfrenta o jovem, sorri e dá-lhe um beijo no rosto.

ANTÓNIO

Isto é um adeus? (beat) Para
sempre?

MARIANA

Quem sabe?

E afasta-se.

ANTÓNIO

Amo-te.

Ela sorri e sem olhar para trás...

MARIANA

Eu sei.

EXT. LARGO DA CÂMARA MUNICIPAL - DIA

Mesmo com uma manifestação pacífica, o chefe da PIDE dá ordens a GNR para dispersar a multidão.

A GNR carrega violentamente sobre os manifestantes. A maioria não estava preparada para o ataque das forças policiais. Outros lutam, mas estão em desvantagem.

Mesmo assim vozes entoam: O Povo Unido Nunca Mais Será Vencido.

Nesta batalha campal, muito jovens são feridos, incluindo a Sílvia. Um dos agentes da GNR atinge a jovem com o bastão na cabeça. Ela cai no chão ferida.

A Joana tenta ajudar a irmã e também acaba empurrada para o chão. Mesmo assim, ela consegue afastar a irmã da confusão.

SÍLVIA

Bom protesto, não achas mana?

A Joana rasga parte da camisa e tenta parar o sangue que escorre da cabeça da irmã.

Em inferioridade alguns dos manifestantes procuram escapar.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - DIA

Francisco cruza-se com alguns manifestantes em fuga. Ele repara no Xavier.

FRANCISCO

Xavier. O que se passa?

Xavier sem folgo, mas satisfeito.

XAVIER

Meu. Devias ter lá estado. Nós marchamos. Protestamos. Cantámos. E lutamos. Lutamos meu.

Francisco confuso.

XAVIER (CONT'D)

A manifestação em frente da CM, meu. Bolas, nunca me tinha divertido tanto... bem... desde sempre. A adrenalina, meu. Juro. É melhor que as drogas do Henry.

FRANCISCO

E o António e o Fernando?

XAVIER

Não os vi.

FRANCISCO

E ninguém disse nada.

XAVIER

Não tens andado por aí, meu. Só pensas na gaja.

Francisco nem sabe o que dizer.

XAVIER (CONT'D)

Meu. Isto vai estar em todos os jornais do país, meu. Tenho de ir para o jornal e escrever a história antes que o pessoal do lápis azul acorde. Sou um jornalista com uma missão!

E o Xavier vai embora aos gritos.

Mais manifestantes fogem à GNR.

Francisco sente-se ainda mais desapontado.

EXT. LARGO DA CÂMARA MUNICIPAL - DIA

Alguns jovens detidos são empurrados para as traseiras dos jipes da GNR.

Quando um dos agentes da GNR tenta prender a Joana e a irmã, o Sargento Silva impede-o.

SARGENTO SILVA

Eu trato destas duas.

O agente vai à procura de outros jovens feridos para prender.

O Silva e a Joana, ajudam a Sílvia a pôr-se de pé. Ele não gosta daquela ferida na cabeça.

SARGENTO SILVA (CONT'D)

Anda, vamos levar-te para casa.

A Sílvia ainda está um pouco zozna.

O pai e a irmã reparam que ainda escorre sangue. Preocupado ele dirige-se à Joana.

SARGENTO SILVA (CONT'D)

Joana? É melhor chamar o médico.
Isto... Não estou a gostar...

JOANA

Pai. Não é melhor o hospital?

SARGENTO SILVA

Depois disto? Duvido. Viste os teus irmãos?

A Joana olha em redor, alguns manifestantes com cabeças e ossos partidos e especialmente o ar satisfação da GNR e dos PIDES.

JOANA

Acho que foram de cana.

SARGENTO SILVA

Bom. Pelo menos vamos ter uma noite sossegada.

Enquanto a Joana vai à procura do médico, a Sílvia apoia-se no pai.

SÍLVIA

Pai?

SARGENTO SILVA

Filha?

SÍLVIA

Estás orgulhoso?

SARGENTO SILVA

Sabes que sou o chefe da polícia, não sabes?

Uma expressão de "oops" no rosto da jovem.

SARGENTO SILVA (CONT'D)

Sim, filha. Estou orgulhoso.

E dá um beijo na testa da filha.

INT. CASA DA LARA - DIA

QUARTO.

Quarto típico de uma jovem dos anos setenta. Revistas de moda, roupa espalhada pela cama e chão, indicam que Lara não é das pessoas mais arrumadas.

Lara está deitada na cama, agarrada a uma almofada, a chorar.

EXT. RUA CASA DA MARIANA - DIA

António observa de longe dois homens da resistência a ajudar o Marques a entrar no carro.

Mariana avisa os homens a terem cuidado com o marido. O jovem não consegue ouvir nada.

Um dos homens atrás do volante.

O segundo homem segura a porta para a Mariana. Antes de entrar ela olha em redor.

Ela parece estar a olhar diretamente para o António. Com um sorriso nos lábios, ela entra no carro.

O segundo homem fecha a porta e entra para o lugar do pendura.

É com uma forte emoção, que António vê a mulher que ama afastar-se da sua vida.

EXT. RUA EM ALCOBAÇA - DIA

Joana está com pressa, quase esbarra no Fernando. Existe um momento de silêncio em que parece que os olhos falam. Ela abraça-o com toda a sua força. Ele beija-a.

EXT. CASA DA LARA - DIA

É o fim do dia.

Francisco toca a campainha. Como ninguém responde. Ele bate à porta. Nada.

INT. CASA DA LARA - DIA

Ainda em lágrimas, ela levanta a cabeça da almofada, ignora os sons vindos da porta e volta a enterrar a cara na almofada.

EXT. CASA DA LARA - DIA

Francisco insiste.

FRANCISCO

Lara. Lara. Precisamos de falar.

Ninguém atende. Francisco ainda tenta bater novamente à porta, mas acaba por desistir. Ele fixa a porta por mais alguns segundos na esperança de ver a Lara.

INT. CASA DA LARA - DIA

Lara, com o ouvido encostado à porta, escuta em tristeza.

EXT. CASA DA LARA - DIA

Ele dá uns passos para trás. Olha para cima na esperança de a ver na janela do quarto.

FRANCISCO
Amo-te. Amo-te mais que a vida.

INT. CASA DA LARA - DIA

Lara chora junto da porta indecisa.

FRANCISCO (O.S.)
Eu sei o que fiz é imperdoável.
Nunca quis nada disso. A última
coisa que quero é magoar-te.

EXT. CASA DA LARA - DIA

FRANCISCO
Só quero... que comecemos... de
novo.

Silêncio.

Francisco baixa a cabeça e o olhar. A porta continua fechada. Conformado e sem esperança, ele começa lentamente a afastar-se.

De costas para a porta ele ouve o trinco da porta a abrir. Com um ligeiro sorriso ele enfrenta a Lara.

Quando vê a dor e a raiva no rosto da Lara, o seu sorriso desvanece.

Por momentos o silêncio cai sobre eles. Ninguém sabe o que dizer.

Francisco é o primeiro a quebrar o silêncio.

FRANCISCO (CONT'D)
E-eu... sei que devia ter-

Ela faz um gesto para ele se calar.

LARA
Tu sabias. Tu sabias, cabrão! E nem sequer tiveste a coragem de falar comigo!

O jovem tenta dizer algo.

LARA (CONT'D)
És um covarde. Ficaste calado. Um covarde.

FRANCISCO
E-eu... eu... queria.

LARA
Porque será? A vergonha? A
cobardia? O facto do teu pai ser um
assassino!

FRANCISCO
Não foi ele! Fui eu!

O silêncio cai sobre ambos. A Lara está confusa.

LARA
Tu..? (beat) Quem és tu?

FRANCISCO
Eu montei os temporizadores.

Lara nem quer acreditar.

FRANCISCO (CONT'D)
Eu não sabia. Foi um acidente.
Nunca deveria ter acontecido.

LARA
Aconteceu!

Ele tenta apelar à consciência da jovem.

FRANCISCO
Por favor. Eu lamento tudo. Mas não
culpes o meu pai.

Após um momento.

LARA
Tens razão. Culpo a ti. Tu és o
assassino. Tu é que devias estar a
apodrecer na prisão.

Ela enche-se de coragem.

LARA (CONT'D)
Como podes... viver... assim?

E fecha a porta com toda a raiva.

Francisco ainda olha para a porta por instantes. Finalmente
baixa o olhar...

FRANCISCO
(sussurrar)
Não consigo.

...e afasta-se.

I/E. CASA DA LARA - DIA

QUARTO.

Lara espreita pela janela e vê o Francisco a ir embora.

EXT. VILA - NOITE

A noite cai rapidamente sobre a vila.

INT. MOSTEIRO - NOITE

O claustro do mosteiro iluminado.

REFEITÓRIO.

Num palco improvisado ao fundo do refeitório, a Joana e os outros atores representam a "Farsa de Inês Pereira", na versão original.

O lenço na cabeça mal esconde a ferida na cabeça da Sílvia.

A Joana é magnífica no papel principal.

Ela sorri ao reparar no Fernando e os amigos. Após debitar as suas deixas, quando volta a olhar eles sumiram.

EXT. CASTELO - NOITE

Sentados na antiga muralha do castelo encontramos o Francisco, o António, o Fernando e o Henry. Partilham uma garrafa de vodka.

António volta-se para o Fernando.

ANTÓNIO

Estás bem.

FERNANDO

Não... mas...

HENRY

Que se lixe. Eu sei.

FERNANDO

Não era bem o que eu ia dizer,
mas...

FRANCISCO
Quando partes?

FERNANDO
Segunda.

FRANCISCO
Quem nos dera ter mais tempo.

ANTÓNIO
O verão do nosso descontentamento.

Henry tira da mochila cinco garrafas de Coca-Cola, que partilha com os amigos.

HENRY
Para nos dar sorte.

Eles reparam na quinta garrafa.

HENRY (CONT'D)
(para o Fernando)
Esta. Esta. Só podes abrir quando regressares de África.

FERNANDO
Se...

HENRY
Quando.

E volta a colocar a garrafa na mochila.

De garrafas no ar eles fazem um brinde.

TODOS
Ao fim do verão!

ANTÓNIO
Bom. O verão só acaba oficialmente amanhã.

FRANCISCO
Depois tu vais para Lisboa e tu para África.
(olha para o Henry)
Parece que ficamos os dois para contar a história.

HENRY
Lamento mas já tenho gajo.

Eles riem. Mas o silêncio acaba por cair sobre eles.

Henry fareja o ar Os outros olham para ele como se este tivesse enlouquecido.

HENRY (CONT'D)
Não cheiram isto.

Os outros acabam por farejar o ar.

FRANCISCO
Não cheiro nada.

ANTÓNIO
Os bolos da pastelaria da Susana?

Eles acabam por concordar.

Henry ri.

HENRY
Não. O cheiro a liberdade.

Os outros seguem o olhar do Henry.

HENRY (CONT'D)
A revolução está a chegar.

A NEGRO:

LEGENDA: No dia 25 de Abril de 1974, a revolução finalmente chegou.

FERNANDO (O.S.)
António? Quando fores um escritor famoso, tens de escrever uma história sobre nós.

FRANCISCO (O.S.)
Por favor não.

Risos.

LEGENDA: O Francisco e Lara nunca voltaram a encontrar-se.

LEGENDA: O Fernando nunca regressou da guerra. O corpo nunca foi encontrado.

LEGENDA: O António foi para a universidade. É atualmente um escritor de sucesso modesto. Nunca mais soube da Mariana.

LEGENDA: O Francisco continua a trabalhar na oficina de reparações com o pai.

LEGENDA: O Henry tornou-se num famoso produtor musical de algumas bandas locais.

LEGENDA: A Joana acabou a faculdade de medicina. E atua nos tempos livres.

LEGENDA: Adolfo e o Rapaz Louro acabaram presos pelo novo regime.

LEGENDA: Até hoje, a garrafa da Coca-Cola continua por abrir.

FIM